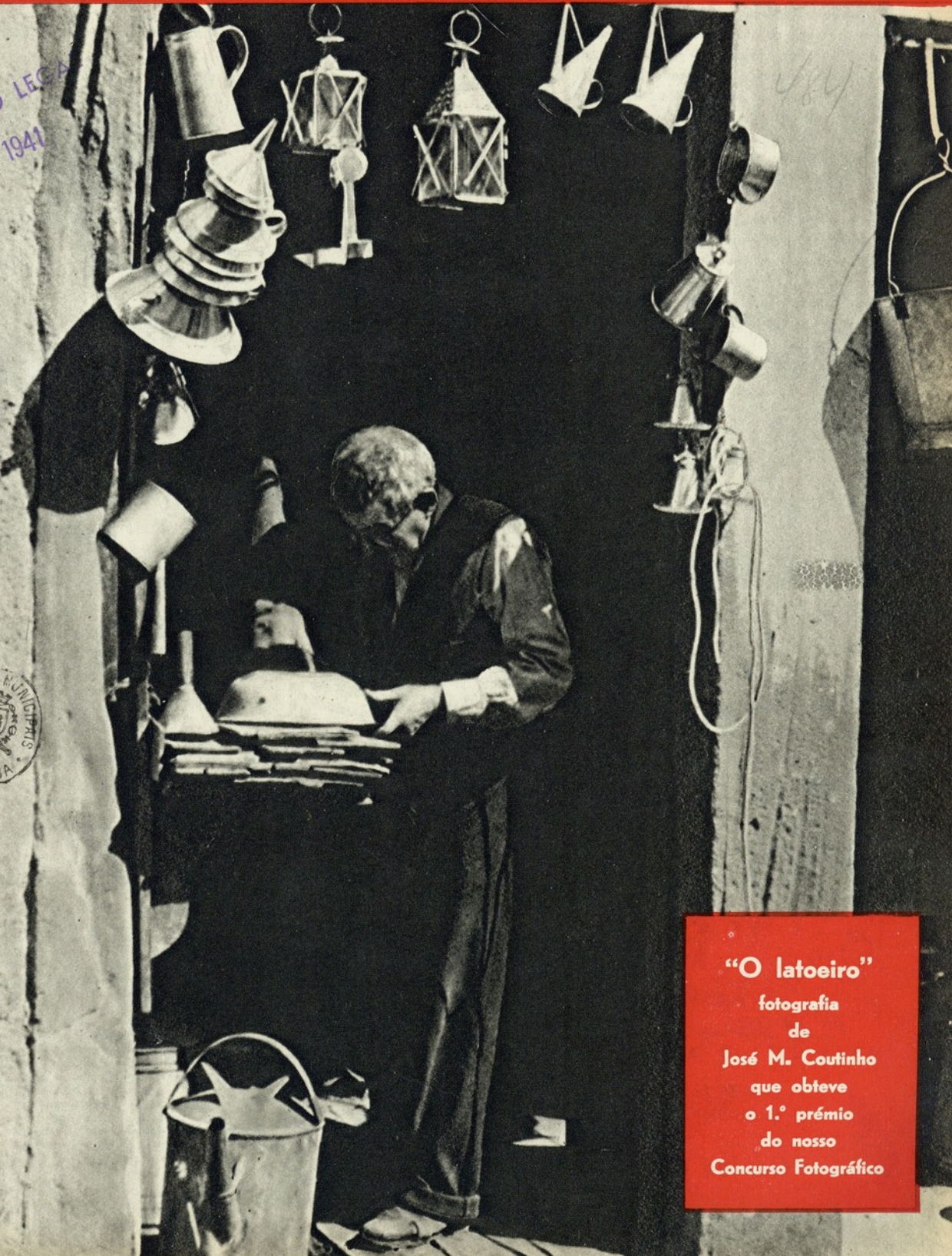


MUNDO GRÁFICO

12
DEPÓSITO LEGAL
ABR. 1941



“O latoeiro”
fotografia
de
José M. Coutinho
que obteve
o 1.º prémio
do nosso
Concurso Fotográfico

MADE IN ENGLAND

Na importação de mercadorias britânicas para nosso consumo avultam em quantidades já deveras apreciáveis alguns produtos alimentares, de entre os quais se destacam as bolachas, biscoitos, chocolates em tabletes e bombons, caramelos e rebuçados de vários formatos e todas as especialidades, sendo de notar as suas artísticas e luxuosas embalagens, os chás de renome universal, os tradicionais wiskis escoceses, gins, cervejas, etc.

Tiveram também sempre aqui o melhor acolhimento outros produtos das suas indústrias, como aparelhos de T. S. F., máquinas de escrever, os perfumes, sabonetes, bijuterias e pequenos artigos de toilette de senhoras, e ainda o loiro tabaco em cigarros apresentados em elegantes estojos que tanto agradam a nacionais e estrangeiros de ambos os sexos.



PRIMAX, L. DA MULLARD
 MATERIAL ELÉCTRICO RÁDIO
 T. S. F. / TELEFONES
 RELÓGIOS ELÉCTRICOS
 INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES
 R. DOS SAPATEIROS,
 15-1.º - TELEF. 2 2772
LISBOA



Máquinas de escrever, de fabrico britânico, a única que ha cinco anos consecutivos é preferida pelo Govêrno português. Completamente desmontável, podendo numa só máquina usar-se diversos tipos de escrita assim como vários tamanhos de carretos, sem intervenção de mecânicos.

Podem pedir-se catálogos e demonstrações aos seus exclusivos representantes **BLACKETT & C.º LTD.** — Rua Nova da Alfândega, 22, tel. 407, Porto — e aos agentes em Lisboa e Sul, **SAPEL, Rua da Madalena, 48-2.º tel. 21136.**



*Fume "De Reszke"
 e "Abdulla",
 os melhores cigarros inglêses*



Distribuidores em Portugal:

Manuel Vicente Nunes & C.a
 Rua de S.ta Justa 38, 1.º LISBOA

A Diatomite (TRIPOLI-KIESELGHUR) que é um produto mineral da maior utilidade tantas e tão importantes são as suas aplicações em várias actividades industriais, todas de incontestável interesse público, também se encontra entre nós — e da melhor qualidade como o revelaram as respectivas análises — no Couto Mineiro da Quinta do Jardim, em Obidos, de que é concessionária a Sociedade Anglo Portuguesa, com sede na Quinta do Sandre, Caldas da Rainha, tel. 171, e cuja instalação industrial é a única no País na sua especialidade.

Se a matéria prima de que dispõe é de natureza a tornar-se indispensável em todos os importantes trabalhos de construção de edificios e estradas, nas impermeabilizações, isolamentos, filtrações, etc, tem-se dedicado também esta Sociedade, com o mais vivo interesse, à fabricação de placas e teijolos isoladores que têm alcançado um justo e assinalado êxito por satisfazerem por completo às mais incessantes exigências da técnica moderna.

Que o digam os construtores de importantíssimas instalações que os têm empregado e de entre os quais destacaremos o Instituto Português de Oncologia, o Mercado do Bairro dos Actores, o grande edificio, já quasi concluido, da Nova Fábrica do Gás e Electricidade, na Matinha, Restaurante Aquarium, Empresa dos Fornos Modernos L.tda. Construtora Moderna, L.tda., Companhia Vidreira Nacional, na Covina, etc.

Assim esta Sociedade que tem acompanhado a par e passo, e com a maior atenção, a evolução progressiva das nossas construções, desempenha já um papel de decisiva influência na valorização do trabalho nacional.

Como indispensável complemento desta organização fundou-se na capital a Firma Diatomite, L.da com escritório no Rossio, 93, compartimento 21 e Tel. 26538, para o desempenho das importantes funções de agentes da Sociedade de que nos estamos ocupando e que muito tem contribuído para o bom êxito material da Empresa e prestígio do seu nome.

CHÁ HORNIMAN



MAIS DE 100 ANOS DE FAMA UNIVERSAL

PUREZA ABSOLUTA / PALADAR DELICIOSO
 ECONÓMICO PELO SEU RENDIMENTO

AGENTES:

Carlos de Sá Pereira L.da

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

ARCHIBALD WAVEL, biografia

OS HOMENS DA BATA BRANCA

OS SAPATOS DE GUERRA DA MULHER INGLÊSA, página gráfica

AS ONDAS DO MAR SALGADO, por António de Faria

A MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA, página gráfica

DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DA GUERRA NA ABISSÍNIA

CHEGOU A PRIMAVERA, por César dos Santos

AS IDEIAS DE GUERRA DE CHURCHILL

O PODER DA INGLATERRA, dupla página com documentos fotográficos da Guerra

OS PRÊMIOS DO NOSSO CONCURSO FOTOGRÁFICO

«NELSON, ALMIRANTE DOS TEMPOS DE HOJE», conferência do comandante Sarmento Rodrigues

A LAVA BRANCA

CARTA DE LONDRES — NA LINHA DE FOGO

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? responde Norberto de Araujo

O PAÍS DO SOL E DOS DIAMANTES, por S. Saboya

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

BASTIN, PRISIONEIRO DE GUERRA, de C. de O.

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA, de António Lourenço



A ÚLTIMA MODA DA MULHER INGLÊSA

CRÓNICA ALEGRE

A mulher do Saraiva

Ontem, à tarde, encontrei o Jacinto, meu amigo de infância, que logo que me topou, desfechou esta:

— Então já sabes o que aconteceu à mulher do Saraiva?

— Qual Saraiva?

— O que, quando era solteiro e pequeno, andou connosco no colégio.

— Ah! bem sei. Mas aconteceu-lhe algo de grave? Desenbuxa!

O Jacinto que se pela por contar coisas da mulher dos amigos tomou fôlego e desatou a falar:

— A mulher do Saraiva teve um desgosto enorme. Qualquer arrelia com o marido, ao que parece muito grave, e resolveu abandoná-lo, a ele e mais ao mundo. E, se bem pensou, melhor o fez. Comprou fósforos sortidos, estripou-os para só lhes aproveitar as cabeças, dissolveu-as em dois decilitros de água e tomou meia hora antes da refeição. Isto feito, esperou resignadamente a hora em que o suicídio dissolvido em água devia fazer efeito e, para passar o tempo, escreveu cartas à família a despedir-se e a atirar as culpas para cima do Saraiva, dizendo que a vida com ele já não tinha encantos e era insuportável, etc., etc., etc.

Como todos sabem, os fósforos agora não prestam de forma que as cabeças só começaram a matar muito depois da hora habitual, o que deu tempo à senhora para escrever muitas cartas. Foi precisamente quando o Saraiva entrava em casa para jantar que a mulher entrou na agonia. A fazer esgares, aos soluços, a chorar, despedindo-se do marido dizendo-lhe que morria por culpa dele. O Saraiva que, digam lá o que disserem, é muito amigo da mulher, ficou aflitíssimo, chamou um «taxi», meteu a mulher lá dentro e abalou para o hospital.

Chegado ao «banco», a mulher já ia mais morta que viva. Felizmente que

o médico de serviço demorou apenas meia hora a aparecer e depois duma rápida análise viu que a pobre senhora precisava duma lavagem ao estômago.

A mulher do Saraiva, porém, é mais teimosa que a mãe e não se queria deixar lavar por dentro.

Nada menos de três médicos e quatro enfermeiras, sendo uma a chefe e outra de primeira classe, de roda dela para lhe fazerem a lavagem e sem o conseguir. A senhora queria à viva força falecer.

Como último recurso, foram chamar o marido que andava a passear na sala de espera muito aborrecido e a deitar contas ao entêrro e ao fato preto. Só ele poderia demover a espôsa, visto que a ciência confessara-se impotente.

O Saraiva implorou, suplicou, pediu por tudo que ela consentisse na lavagem ao estômago. Mas, a mulher — nada. Quasi que já nem tinha forças para negar. O marido até ajoelhou a pedir-lhe para que não morresse e chegou a pedir-lhe pelos filhos que porventura ainda viessem a ter.

Parecia que a resolução era inabalável e já a morte estava no duodeno quando a mulher, erguendo-se a custo na marquesa, olhou o Saraiva, que chorava como uma vitela, e lhe disse:

— Compras-me o casaco de peles que vimos ontem na rua Augusta?

O Saraiva, num relance, viu que lhe saía mais barato que o entêrro e derivativos e com um sorriso de esperança a iluminar-lhe o rosto respondeu:

— Compro-to sim, meu amor.

A mulher olhou-o muito e, depois, num esforço supremo, voltou-se para os médicos e murmurou comovida:

— Bem. Façam lá a lavagem ao estômago.

Marçal Saldanha

Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.

Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de S. Bento — Telefone 1722

Política do Ocidente Política do Oriente

A decisão inabalável do presidente Roosevelt em fornecer à Gran-Bretanha todo o material de que ela tenha necessidade, a título de empréstimo, foi coroada de completo sucesso, com a aprovação do seu projecto, pelo senado na sessão noturna do dia 8 de Março. Antes mesmo desta vitória reumbante do presidente Roosevelt, sobre os seus adversários internos e externos, já êle tinha autorizado a Gran-Bretanha a negociar todos os contratos de armamentos necessários, sem esperar a decisão do Congresso.

* * *

Apesar das recentes declarações do senhor Matsuoka é evidente que os dirigentes japoneses fazem o possível por esconder a situação difícil em que o Japão se encontra. Ainda há pouco tempo um jornal russo, o "Trud", expunha sem reservas as dificuldades em que se debate o Japão: desânimo, mal-estar e uma agitação crescente dos meios proletários, disputas entre as classes dirigentes por causa dos encargos e desorganização que trás a lei da nova estrutura económica, que determina a fusão de tôdas as empresas comerciais e industriais numa única federação económica colocada sob o controle do Estado, que é o mesmo que dizer: sob o controle dos círculos militares e navais e dos grandes capitalistas com êles relacionados.

Actualmente; tôdas as indústrias que no Japão não são vitais para o Exército, estão totalmente arruinadas. Assim, a agricultura tem uma vida precária, o comércio externo tornou-se quasi que inexistente, ao passo que há uma constante ameaça de inflação.

É um facto que o Governo Japonês punha tôdas as suas melhores esperanças no fim próximo da Guerra da China e esperava que isto fôsse uma das consequências imediatas do pacto tripartido. Mas isto foi um dos muitos erros de cálculo do Japão...

Ainda há muito pouco tempo um general japonês que regressava da China, depois duma permanência dum ano, declarava aos jornais de Tokio que, em sua opinião haviam poucas probabilidades de ver desaparecer o Governo do marechal Chiang-Kai-Chek; quanto a êle, estava absolutamente convencido de que o problema chinês se tornava dia a dia mais complicado para o exército japonês, pois os partidários de Chiang-Kai-Chek se tornavam cada

O combate ao sezonismo em Portugal

O paludismo ou sezonismo não é uma doença exclusivamente exótica como muita gente poderá julgar. Nem só em África e nas zonas tropicais o homem é vítima dessa enfermidade que já causou inúmeros malefícios. Em Portugal existem regiões onde a doença rouba todos os anos muitas vidas e inutiliza para o trabalho e, portanto, para a riqueza da Nação, muitos braços robustos e corpos sadios.

O sezonismo, paludismo, febres palustres ou, simplesmente, "febres", é inoculado ao homem pela picada de certos mosquitos denominados "anofeles", e produzido por microorganismos — os hemozoários de Laveran.

O sezonismo está extraordinariamente espalhado. Basta dizer que existem no mundo cerca de 693 milhões de sezonáticos. Antigamente era uma doença de cura difícil. Contribuía e contribue principalmente, para êsse resultado, a incúria das populações que não ligavam às sezões a importância devida, talvez por elas serem de observação demasiado freqüente. Hoje, os constantes progressos da terapêutica e as medidas individuais e colectivas de profilaxia diminuíram bastante os estragos que o paludismo causava em outros tempos.

O paludismo não tem só importância para o indivíduo. A sua extinção em determinada área significa a volta à vida e ao trabalho fecundo de centenas de indivíduos que, do outro modo, eram pesos mortos para a Colectividade. O saudoso professor Ricardo Jorge dizia que "a infecção sazonal avulta entre as piores pragas colectivas que flagelam a população portuguesa...". No nosso país a luta anti-sezonática adquiriu, nos últimos tempos, um vigor inusitado. Desde há trinta e tantos anos que o problema da extinção do sezonismo preocupava os serviços de Saúde Pública; mas a realização duma luta sistematizada e inteligentemente orientada só foi possível com o advento da nova Ordem Política que deu ao País

a esperança de se ver livre desse flagelo.

Foi em 1931 que o sr. dr. Fausto Landeiro — um dos nomes mais ilustres da Malariologia — aceitou do Director Geral de Saúde, o espinhoso encargo, a tremenda responsabilidade de dirigir e orientar os Serviços de Sezonismo. Estava, então, no começo, a Estação Experimental de Combate ao Sezonismo de Benavente que, em 1932, via agregados a si os postos de Samora, Santo Estevão, Salvaterra de Magos, Marinhais, Quarteira e o Dispensário de Alcácer do Sal, sob a dependência da qual principiam a funcionar os postos de Quarteira, Mina de S. Domingos e Herdade do Pinheiro. Pouco depois, abre a estação de Soure e fica em projecto a de Pocinho. Os trabalhos, lenta mas seguramente, prosseguem. E, assim, num curto espaço de tempo, o Estado Novo e o espírito altamente patriótico do sr. dr. Fausto Landeiro e dos seus dedicados colaboradores, tornam numa realidade profícua a luta anti-sezonática em Portugal. Abre-se estações, distribue-se instruções tendentes a fa-

zer compreender melhor a doença e a sua cura, fornece-se medicamentos, faz-se centenas de análises, de diagnósticos e de observações de toda a ordem e, enfim, procura-se melhorar as condições de habitação do rural, no sentido de lhe proporcionar uma defesa eficaz contra o terrível mosquito. Em suma, os Serviços do Sezonismo — «cem por cento Estado Novo», como disse uma vez o seu director, tomaram a sério os problemas da profilaxia e terapêutica anti-sezonática. — Neste ponto justo é salientar também o auxílio que a Rockefeller Foundation prestou à campanha anti-malária em Portugal.

O que foi essa campanha, os formidáveis esforços que se empregaram para que dela saísse, como saíu, algo de bom, o que foi essa gigantesca batalha empreendida, em todos os sentidos, contra o sezonismo, atestou-o, ainda há bem pouco tempo, uma exposição que Sua Excelência o sr. Presidente da República inaugurando na Direcção dos Serviços Anti-Sezonáticos, em Lisboa.

AMILCAR MOURA

CREMES
PARA DE DIA
E
PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

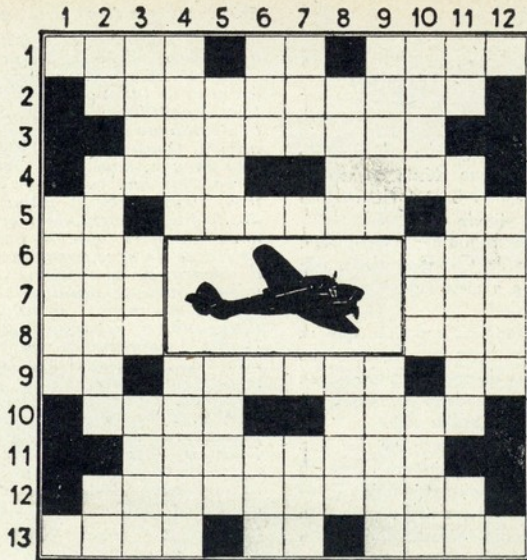
A. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 21366
L I S B O A



Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE
SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



PROBLEMA N.º 12

HORIZONTAIS

- 1 — Pronome demonstrativo; pronome pessoal; uma das partes em que se divide o Mundo e onde a Inglaterra possui vastos domínios.
- 2 — Marca dum dos esplêndidos bombardeiros pesados da Inglaterra que têm um raio de acção de 5.185 km.
- 3 — O juízo (pop.)
- 4 — Unidade de potência; bom (inglês).
- 5 — Interjeição designativa de «espanto», «alegria», etc.; nome dum povo grego que formava uma das quatro grandes divisões da raça helénica; artigo (ant.)
- 6 — Declama; trabalho exaustivo.
- 7 — Sufixo diminutivo; frio.
- 8 — Flanco; caminhar.
- 9 — Nota musical; sova; laço apertado.
- 10 — Medida inglesa equivalente a 0,91 m. (inglês); vaidosa (inv.)
- 11 — Dissecção ou anatomia dos animais.
- 12 — Marca dos famosos «couraçados-voadores» da Gran-Bretanha, que pesam 25 toneladas.
- 13 — Fraude; nociva; saudáveis.

VERTICAIS

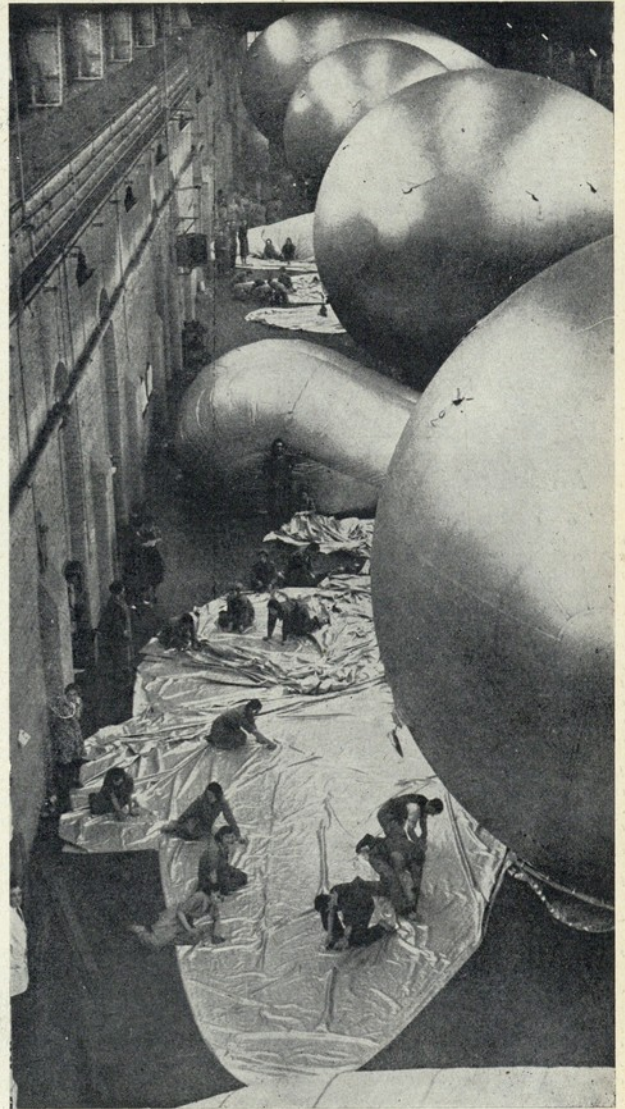
- 1 — Detestar.
- 2 — Sudweste (abrev.); marca de outro tipo de bombardeiro pesado britânico, o qual pode

voar 3.000 km. sem se reabastecer.

- 3 — Assunto; soa confusamente; a côr do Céu sem nuvens.
- 4 — O escol; assento real.
- 5 — Jogo em que se empregam cartões com números; anagrama de «dado».
- 6 — Sinal gráfico; possui.
- 7 — Junta; agora.
- 8 — Cesto vindimo, estreito e alto; anagrama de «lima».
- 9 — Tenebrosos; de outro modo.
- 10 — Vento do oriente; além; homem de estatura excessivamente baixa (inv.)
- 11 — Prefixo de negação; marca dum rápido avião de «caça» da R. A. F.
- 12 — Frouxo.



Solução do Problema n.º 11



Estas salchichas prateadas têm sido muito úteis. Prêsas a viaturas especiais, elas podem deslocar-se, rapidamente, cobrindo qualquer cidade ou vila. A nossa gravura reproduz uma das muitas oficinas de balões que existem em Inglaterra, onde trabalham, activamente, homens e mulheres. Não é, apenas, a R. A. F. com a sua legenda gloriosa, que defende o céu da Gran-Bretanha; são também os «maciços» de canhões anti-aéreos e os famosos balões de barragem, cujos cabos de aço enleiam os aviões inimigos, dificultando a observação.

ANUNCIAR
NO
"Mundo Gráfico"
É GANHAR DINHEIRO!

Revista de larga expansão que é lida por tôda a gente
Os seus reclamos são valorizados por uma brilhante apresentação gráfica

Consultem a nossa tabela

Neogravura, L.^{da}

Heliogravura de arte
Trabalhos gráficos em todos os géneros

Officinas: Travessa da Oliveira [à Estrêla], 4 a 10
Agência Geral: Rua Nova do Almada, 53-2.º — LISBOA

A doutrina de Monroe

A intervenção americana é um facto capital na história do presente conflito. Mais do que a atitude da Rússia ou as dificuldades do Japão, mais do que a vitória britânica em África ou a derrota da França na Europa, a atitude dos Estados Unidos pode contribuir decisivamente para a liquidação da guerra. Essa atitude põe, desde já, ao serviço da Grã-Bretanha e dos seus aliados os recursos inexgotáveis e a utensilagem industrial da maior potência económica do Mundo.

Sob o ponto de vista moral é legítima a posição que os Estados Unidos escolheram? O intervencionismo americano não é contrário às tradições políticas duma democracia? Os actuais dirigentes da nação interpretam com fidelidade os seus sentimentos?

A doutrina de Monroe e a sua aplicação actual têm sido largamente utilizadas para significar que o presidente Roosevelt e os seus colaboradores alteram o curso lógico da história americana quando conduzem convenientemente a nação para uma intervenção aberta. Com que fundamento verdadeiro é feita a asserção?

Tôda a gente conhece os princípios e as idéias essenciais expressas pelo presidente Monroe na mensagem que dirigiu ao Congresso norte americano em 2 de dezembro de 1823 e que apparecem resumidas na fórmula. "A América para os americanos... Mas geralmente esquece-se a carta famosa que Jefferson dirigiu, em 24 de Outubro de 1824, da sua residência de Montecello, para definir as linhas gerais da aplicação da doutrina que Monroe ousadamente formulara:

"A guerra da Independência fez de nós uma nação. A questão que agora temos de resolver consiste em saber qual a direcção que devemos dar ao nosso barco. A nossa primeira regra, o nosso princípio fundamental deveria ser este: não nos envolvermos, sob nenhum pretexto, nos conflitos dos estados europeus. O segundo princípio deve ser o de não deixar que a Europa intervenha nas questões entre americanos. Devemos por isso ter uma doutrina política própria separada das da Europa..."

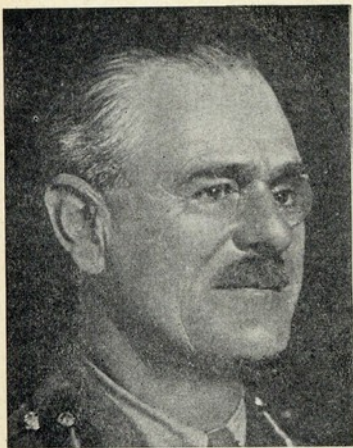
O caso inglês apparece tratado com uma actualidade impressionante pelo presidente Jefferson:

"Para realizar o nosso objectivo existe uma nação: a Grã Bretanha. Mas precisamente esta em vez de nos combater oferece-nos o seu auxilio. De tôdas as nações do mundo a Grã Bretanha é a única que nos poderia prejudicar. Com ela a nosso lado tudo conseguiremos. Por isso desejo ardentemente que o meu país mantenha com os ingleses a amizade mais cordial. Eu não desejaria manter essa amizade tomando parte nas lutas em que a Grã Bretanha se envolve. Mas o caso muda inteiramente se a guerra que ela fizer não for a sua, mas sim a nossa guerra."

O pensamento do interesse nacional revela-se com uma transparência reveladora na parte final da carta de Jefferson: "Se a Grã Bretanha se colocar ao lado do continente americano, as outras nações da Europa coligadas nada poderão contra nós. Que poderiam fazer perante a superioridade das nossas esquadras? Não queremos occultar o nosso pensamento de que é necessário acabar com a violação do direito das nações, o qual se traduz pela intervenção na política dos outros estados ameaçados por Bonaparte e continuada pela Santa Aliança. Perante essa violação devemos encorajar o governo britânico a perseverar na sua attitude. Como esta orientação pode envolver-nos na guerra, para o que é necessária a autorização do Congresso, entendo que este deve ser immediatamente consultado..."

A doutrina de Monroe foi inspirada por Jefferson. E' assim que o seu autor a explica e interpreta.

O Observador



ARCHIBALD WAVELL

E' o artifice da vitória britânica em Africa. Revelou-se muito cedo um «duro» na campanha do deserto e um mestre na arte de tratar com as populações indígenas. Esses dois traços essenciais da sua acção estão na origem dos seus êxitos. Há na sua biografia traços de Malborough, reminiscências de Lawrence, pedaços arrancados à vida dos grandes capitães e páginas românticas e misteriosas que só os cabouqueiros de imperios sabem traçar com verdade.

O General Wavell tem agora cincoenta e oito anos. Depois de frequentar o colégio de Winchester, entrou em Sandhurst, a escola tradicional de oficiais britânicos. Aos dezoito anos prestou serviço num regimento escocês e logo a seguir partiu para a Africa tomando parte na guerra boer.

Em 1908 estava na India onde se conservou algum tempo.

A Grande Guerra foi a prova decisiva dos méritos que lhe eram justamente reconhecidos nos meios de especialidade. Durante dois anos (1914-16) combateu em França onde recebeu ferimentos graves. Mal refeito desses ferimentos enviaram-no à Rússia como adido militar. Ali se conservou até à vitória do movimento comunista (1917) percorrendo toda a região de Caucaso.

Em fins de 1917 seguiu para o Egipto onde ainda pôde acompanhar a marcha das operações que puseram termo à conflagração mundial. Ali se conservou até 1920, data em que alcançou o posto de coronel. Durante alguns anos continuou a sua carreira militar prestimosa. Em 1930 foi escolhido para comandar Aldershot. No ano seguinte serviu como ajudante do rei. De 1935 a 1937 comandou uma divisão na metrópole e voltou depois ao ultramar assumindo o comando das forças estacionadas na Palestina e na Transjordânia.

Declarada a guerra foi nomeado comandante do exército inglês do Próximo Oriente No dia 9 de dezembro do ano passado iniciou a ofensiva vitoriosa que terminou pela conquista da provincia da Cirenaica e que continua a desenvolver-se com as características iniciais de rapidez e decisão na Africa Oriental visando a liquidação do Império italiano.

Primavera em flor

Chego à janela, esta janela que todos nós temos, larga ou estreita, sobre uma grande avenida de luxo, ou numa rua triste e calada, e encontro-a já brincando no vaso dumasardinheira. Quando chegou? Ela não chegou, nasceu na nossa terra, este ano como nos outros. Primavera! A relha do arado que vai cortando a terra, uma macieira que se cobre de flores de neve prometendo a doçura do seu fruto; um garoto que, de aguilhada ao ombro, segue por um valado, tangendo o rebanho guizilhante e espreitando os ninhos nas ramadas dos freixos. A guerra, porém, não se faz esquecer. Esta primavera de paz, é, outros países, uma primavera de sangue. Que para a outra Deus esteja entre os homens de boa vontade ensinando-lhes a verdade e a justiça, eis a nossa prece!

Espirito inglês



Aguardava-se o regresso duma esquadra inglesa da R. A. F. que tinha partido a bombardear Ostende. Conversava-se, fumava-se,

porque ainda não eram horas de almoço. Os visitantes eram cumalados de gentilezas. Nisto o céu foi picado por um zumbido que logo cresceu, metálico crispado, numa descarga de velocidades. Depois outro, um terceiro, mais dois — os cinco aparelhos regressavam incólumes. Apresentações aos estrangeiros. Um oficial meão, de bigode loiro, simples, despiu a sua palamenta:

— É este o chefe da esquadra.

Um *shake-hands*. O oficial levou as mãos aos rins. Parecia incomodado.

— Ferido? Doente?

Um grande sorriso:

— Nada disso! Foi da partida de rugby que ontem joguei aqui no campo. O resto não tem história!

São assim os ingleses!

A campanha da Abissínia

A campanha da Abissínia tem sido magistralmente conduzida pelos ingleses. Treze colunas infiltraram-se na Etiópia por pontos diferentes, tendo como objectivo Adis-Abeba, antes da grande estação das chuvas. A capital está já ameaçada. Um dos exércitos ingleses encontra-se a 130 quilómetros da capital, em Debra-Marcos. A flecha, porém, mais perigosa é a que, partindo de Mogadicho, marcha sobre Harrar, ao longo duma magnífica estrada, num *raid* fulminante. É curioso, frisar que a estratégia inglesa, descontínua, de penetrações simultâneas, ao contrário dos ataques de frentes defendidas numa direcção única, e por esalas, como a usada pelos italianos na Abissínia, está dando os melhores resultados. Pelo menos, estes: uma maior conquista de espaço com a maior economia de tempo.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

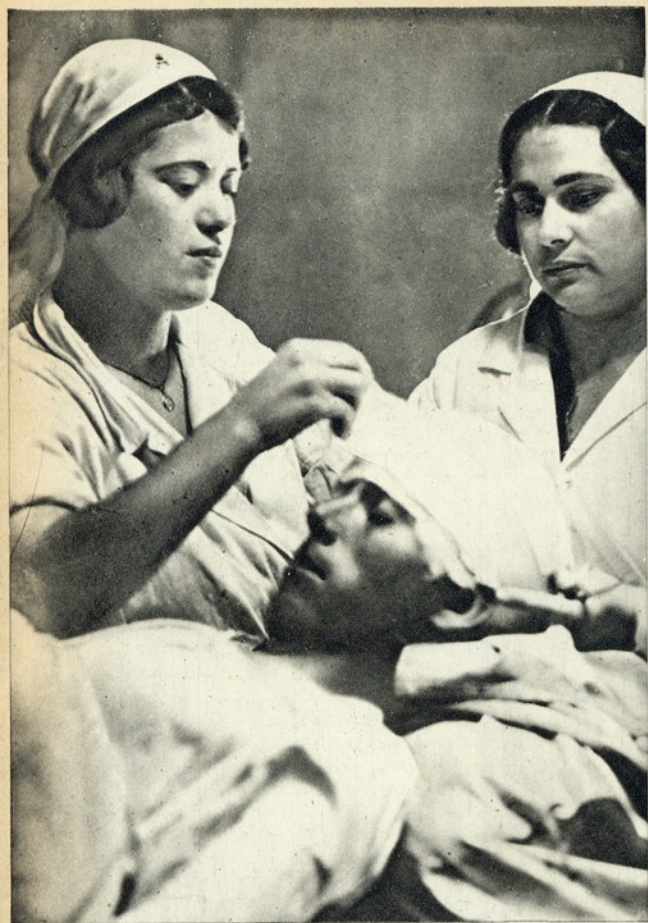


UMA OPERAÇÃO MELINDROSA EXECUTADA POR DOIS CIRURGIÕES PORTUGUESES

OS HOMENS DA BATA BRANCA

Na paz e na guerra, debruçados sôbre a vida,
os mestres da cirurgia procuram vencer a morte

Sempre a eterna luta, a guerra implacável contra a morte — que a morte é o desconhecido e o homem tem o horror do que fica para além dos limites do que as possibilidades do Conhecimento lhe concedem. Suspende-se a olhar ansiosamente o horizonte longinquo do Mais Distante, do que se perde na bruma espessa do inatingível, agarrado como um náufrago perdido, mas sempre confiante, à inconsistente fragilidade de uma Ciência que pretende infalível e imutável. E o olhar penetra sempre e cada vez mais na bruma paradoxalmente imponderável e consistente, na opacidade irreal dos valores metafísicos. É a Natureza que recua e a Verdade que se desnuda, a pouco e pouco, púdicamente heróica, como a virgem que se abandona nos braços do



O doente está salvo! Uma ligadura cuidadosamente posta



Um mestre da cirurgia portuguesa numa delicada operação

amante. E cede. E cai. Cai vencida pelo amor, que o amor é invencível. E o amor é a síntese imperfeita da vida. Ah! que se fôra a síntese perfeita a vida eternizar-se-ia! O amor de Jesus eternizou-o. Paira ainda sôbre o mundo, sôbre os homens, que não sabem amar-se.

A luta prossegue — a luta mais feroz entre todas, a luta que pretende vencer a morte, a morte que não deixa vencer-se. Mas o homem não desiste. Desistir significa abdicar e abdicar é morrer. E ele não quer morrer porque é egoísta — inteligente e instintivamente egoísta. Sonha — louco sonhador! — com a mais impossível das vitórias. Armou-se com a espada da Ciência e esgrime com fantásticos inimigos.

E' tôda a sêde de conquista e de immortalidade reduzida à lâmina luminosa e cortante de uma espada — uma espada que é uma retorta ou um microscópio, uma alavanca ou um bisturi.

E' a carne a sangrar dolorosamente — heróicamente. A Ciência e a Fé a caminhar de mãos dadas para o Infinito. A Fé e a Vontade confundidas na transcendência dos valores eternos.

Homens de bata branca — que o branco é côr da verdade — onde quer que a Natureza esconda os seus segredos, vão em busca dêles. E o edifício milenário da Ciência ergue-se, cada vez mais altivo e mais sublime, projectado no espaço a rasgar o desconhecido.

E' assim em todos os ramos do Conhecimento que busca novos e melhores benefícios para o homem — o homem que não quer sofrer tanto, que não quer sofrer mais. E a Medicina, por ventura o mais sublime de todos êsses ramos, vence novos obstáculos, marcha gloriosamente até alcançar outras vitórias. Quantas vidas salvas e quantos sofrimentos minorados! Não hesita nunca, porque hesitar é perder oportunidades. Um microscópio e um bisturi. Carnes esfaceladas a sangrar. Um golpe, e é a vida que ressurge.

Precisamente quando a humanidade enlouquece amalgamando-se com montões fumegantes de destruições donde saiem gritos de agonia, os homens de bata branca de todo o mundo, serenamente, heróicamente, vão mais além. Os institutos e os laboratórios multiplicam-se. E, se é possível diferenciar nitidamente a Medicina da Cirurgia, esta adiantou-se em relação àquela. A insuficiência da primeira é preenchida, muitas vezes — quantas vezes! — pelos recursos da segunda.

Não tem sido pequeno o contributo dos operadores portugueses para o progresso da Cirurgia.

Vem de longe e é tradicional a particular intuição dos mestres cirurgiões portugueses. Na Grande Guerra fizeram prodígios de ciência operatória e muitos dos seus métodos foram seguidos por médicos de tôdas as nações. Temos nomes entre os primeiros dos mais hábeis. Fizemos escola.

Já ninguém precisa ir ao estrangeiro submeter-se a uma intervenção delicada. Opera-se o cérebro, o coração, os olhos, os órgãos mais transcendentés da fisiologia humana com uma extrema segurança e em condições de êxito absoluto. De modo algum pretendemos citar nomes, que, na cátedra ou na mesa operatória, todos os dias trazem à vida dezenas de enfermos, num combate heróico, vitorioso. A ciência cirúrgica portuguesa alargou mesmo a técnica moderna com novas concepções, algumas das quais estão servindo de modelo no estrangeiro.

Agora são novos horizontes que se alargam à investigação médico-cirúrgica. A guerra é uma fonte inexgotável de casos que a ciência se esforça por solucionar. Novos processos de matar exigem novos métodos de os combater. E' com o sofrimento que a humanidade se ridime. Que ao menos o imenso véu de luto que esconde tanta lágrima possa, extinto e último clarão do pavoroso incêndio, transformar-se em luz — uma luz que ilumine as almas ansiosas de uma vida melhor.



OS SAPATOS DE GUERRA DA MULHER INGLÊSA

As ondas do mar salgado

Todo o litoral português, doirado pelo Sol, recortado em alcantís imponentes ou descendo ao nível do mar em superfícies arenosas e cintilantes, é uma aguarela estuante de luz, magnífica de côr, cheia de movimento, alegre e cantante. O mar tem uma acentuada influência na alma e no carácter do português; anda ligado às suas emprêas históricas, é fonte de prosperidade e o mais belo motivo da epopeia do trabalho.

Tôda a actividade que se desenvolve no litoral, o comércio, a indústria, a faina da pesca, é, pode dizer-se, o factor principal de riqueza na nossa economia. Mesmo aqueles produtos que são característicos de indústrias regionais e fomentam o progressivo desenvolvimento das regiões interiores e levam a tôda a parte o testemunho do nosso labor, a lembrança da nossa terra, não dispensam, em grande parte, o concurso das actividades marítimas para a sua expansão.

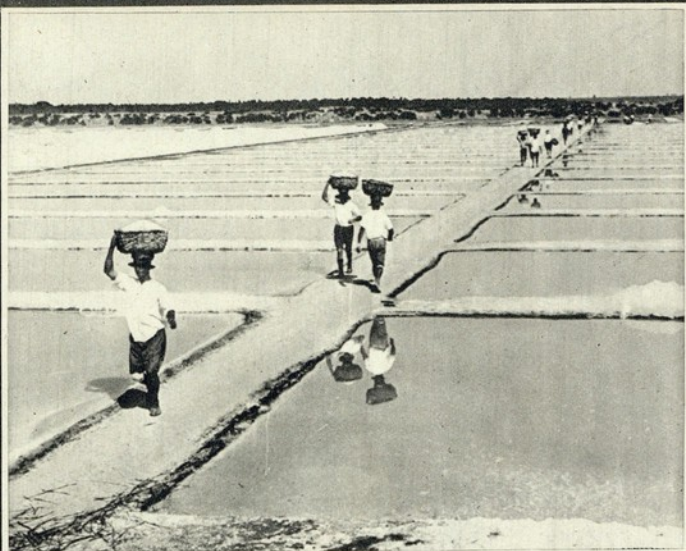
O sal é uma das grandes riquezas que fazem prosperar a nossa economia. Anda à volta de 230.000 toneladas a produção anual, recolhida em marinhas, onde empregam a sua actividade milhares de trabalhadores. Aquelas encontram-se espalhadas ao longo da costa: Aveiro, Figueira da Foz e Arelho, Lisboa, nas duas margens do baixo Tejo; Setúbal e Alcácer do Sal e Algarve. «Portugal é, por excelência, um país produtor de sal», afirmou o químico francês Aimé Girard, e C. Auçã, acrescenta: concorrem para essa condição a extensão da sua costa oceânica, a temperatura relativamente elevada do seu clima e — «last not least» — os ventos secos do nordeste, que varrem o litoral». O químico Aimé Girard descrevia a extracção do sal nas marinhas de Setúbal, em 1872, nestes termos: «Imagine-se uma vasta represa com um ou dois hectares, dividida em quadrados iguais de 100 a 150 metros de superfície e com vinte centímetros de fundo, isolados uns dos outros por caminhos com um metro de largura e comunicando, apenas, com um grande reservatório, destinado a armazenar a água do mar. Cada quadrado dessa salina tem a mesma função: a água do mar chega-lhe directamente do reservatório, para aí se evaporar, deixando o sal que contém».

Os processos não deferiram e embora captado por métodos primitivos, sem regras científicas, o sal português é afamado em todo o mundo. «Efectivamente, a côr branquíssima do sal nacional — diz o prof. Charles Lepierre — os cristais relativamente volumosos que o constituem, fazem com que, ainda hoje, seja preferido pelos bacalhoeiros da Bretanha, por exemplo, que não hesitam em desviar para o Sul, o seu rumo S. E.-N. O. de França à Terra Nova, percorrendo algumas centenas de milhas suplementares para receber em Lisboa ou Setúbal o sal indispensável à conservação do peixe».

Recomeça, agora, na Primavera a safra nas salinas e tôda uma multidão de homens e mulheres, que se distinguem dos outros trabalhadores do mar por designações pitorescas, segundo a região, começa a agitar-se, nos preparativos para a dura faina. O salineiro é um tipo curioso, com tôdas as características do homem do litoral. O marnoto, como descreve M. da Maia Alcoforado, «conversando, é muito falador; questionando, um grande rábula. Ninguém o excede no orgulho da classe; poucos o excedem em pundonor no que diz respeito à perfeição do seu trabalho. É religioso, mas com superstição. Adora o Cristo, mas acredita no cobranto, nos duendes, nas moiras encantadas...» Dura, há séculos, a tarefa das legiões destes trabalhadores humildes, embalados pelas canções da beira-mar. As ondas rolam na sua aflicção eterna e recolhem as lágrimas de copiosos prantos que tornam sublime uma epopeia de dor. Por isso os salineiros interrogam o mar:

*Ó ondas do mar salgado
 Onde vos vem tanto sal?
 Vem das lágrimas choradas
 Nas praias de Portugal.*

António de Faria



Nestas marnotas, que reverberam como espelhos, extrai-se o sal mais puro de Portugal



Uma pirâmide de sal, branca como neve batida pelo sol



A perspectiva de uma salina no Ribatejo. Os marnotos recolhem as primeiras gemas cristalinas



UM SORRISO DE ALEGRIA E DE MOCIDADE

Rostos frescos, expressivos, cantantes de alegria, batidos pelo vento, numa onda larga, vitoriosa de esperança. Ao alto, a bandeira das quinas, enfunada de glória que elas consagram, gentilmente, com a sua juventude e a sua beleza. Em baixo, duas lindas raparigas, num quadro admirável de trabalho e ternura. A Mocidade Feminina, levando na boca a canção eterna da Pátria, marcha para o futuro fitando a manhã clara da vida



UMA COLUNA DE PATRIOTAS ABEXINS ACAMPADA COM OS SEUS CAMELOS NA REGIÃO DE DEBRA-MARCOS



Caça ao tank. Nenhum blindado inimigo pode passar nas estradas inglesas

Cavalaria motorizada. Em serviço de ligação nas estradas da Grã-Bretanha



Armada polaca. O "Piorun", destroyer que a Inglaterra cedeu ao governo polaco, em substituição do "Grom,"

Mecanização do exército. As tropas sul-africanas motorizadas, que conquistaram Djigadjiga, perto do Harrar



A R. A. F. Um bombardeiro destroi um navio cisterna alemão na Mancha

Uma corveta. O comandante dum novo tipo de barco contra os submarinos





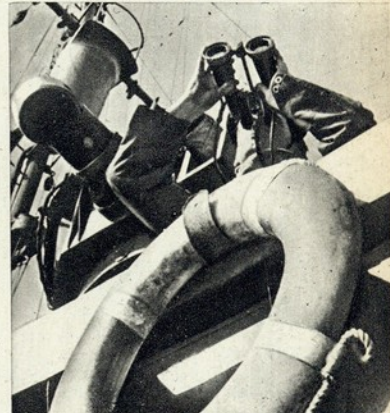
UMA AGUERRIDA PATRULHA DE ABEXINS, COMANDADA POR OFICIAIS AUSTRALIANOS, QUE OPERA NAS IMEDIAÇÕES DO GODJAM



Um herói. O aviador X, observador dum "Sunderland", dez vezes vitorioso



Na Etiópia. Um destacamento abexim, carregado de munições, nas margens do Nilo Azul, a 130 k.m. de Adis-Abeba



Look-out. Um vigia inglês divisa um avião. As metralhadoras cantam

Na Noruega. A R. A. F. bombardeou, mais uma vez, com êxito, Bergen



Serviço sanitário. Êste novo modelo de maca usado pelos ingleses permite marchar ao abrigo das vistas inimigas



Deus sôbre a terra. Missa campal numa manhã de batalha, na Cirenaica



CHEGOU A PRIMAVERA!

Quando os derradeiros sopros do vento frio des-sfizeram a floração das amendoieiras em chuva de arminho, como apoteose de um noivado de sonho, surgiram as primeiras manifestações da Primavera, radiante de alegria.

A Terra, agora, parece palpitar em anseios de fecundidade e caudais de seivas agitam os arvoredos em estremecimentos de vóltipia. Já as manhãs despontam em suaves bocejos de luz e os poentes têm outra beleza, sem aquela efusão de sangue e as barras de crepes no horizonte macerado de roxo que preludiam as grandes tormentas e povoam de trágicas visões as noites tempestuosas no angustioso destêrro da escuridão sem fim.

Os dias morrem quasi sem aflições e, na calma do entardecer, enquanto amortecem os ecos da sinfonia crepuscular, o Sol a descer vagaroso e resplandecente, para além do mar, entorna incandescências de oiro que põem cintilações magnificas na superfície azul das águas tranquilas e reflectem estranho brilho de pedrarias nos alcantãs rendilhados do litoral. Aos dias de sedutora e contemplativa quietude sucedem-se as noites tépidas e perfumadas pelo suspiro balsâmico que se desprende das árvores em labores de novos rebentos e a viração traz de longe, com os murmúrios vitoriosos de existências no regresso à vida — a tarefa gloriosa dos seres que se multiplicam e afirmam eterna vitalidade.

Não é, de certo, ficção de poetas e artistas sonhadores a expressão de vida que a Primavera imprime às coisas e o intenso júbilo que desperta nas almas, tornando-as sensíveis aos fenómenos da evolução. No próprio bafo que emana das espessuras verdejantes, enquanto as flores desabrocham em sorrisos de inocência, se nos comunica um contentamento juvenil e singular, uma risonha esperança e, por estranha afinidade, a mesma força vicejante que desperta e faz vibrar as eretas adormecidas.

Neste tempo, pelos campos, as árvores cobrem-se de finos rendilhados de folhas em recortes ainda indecisos, como se um chuvisco de verde se desprendesse dos galhos tenros; as plantas delicadas ostentam diademas de estrelas e os arbustos bravios vestem-se de tules vaporosos tecidos com pétalas transparentes. As flores delicadas que quando abrem em leitos de verdura queimam-nas os beijos do Sol. Outras inspiram violentas paixões aos insectos de cristal que lhes segredam ternuras dos seus amores desterrados nos vergeis distantes e assim são fecundadas. E por toda a parte, florações multiformes e de coloridos mimosos enchem os campos de líricas sugestões e evocam lendas de amor. As fortes regressaram à doçura primitiva dos regatos cristalinos que correm o seu fadário cantando singelas melopeias; abelhas de oiro andam a zumbir, inquietas, por entre as folhagens olorantes e, mais acima, nas cúpulas verdejantes, a passarada entretém os seus amores, rimando o poema sublime da maternidade. Voltaram ao mar as velas brancas dos baixins da aventura e nas serras ataptadas de rosmaninho os velhos moinhos modulam rústicas canções que volteiam nas asas do vento e vão encher os vales de poesia.

As cidades também se tornam alegres, quando a Primavera chega, e Lisboa, que deve a sua formosura mais aos caprichos da Natureza do que ao carinho dos homens, neste tempo, é uma terra gentil e sedutora.

Com os primeiros dias claros, as avezinhas tímidas que espreitam nos parapeitos dos jardins empoeiram-se de branco e as olaias começaram a ruborizar-se. Logo os plátanos, os ulmeiros e outros gigantes enraizados nas colinas ou espécados nas alamedas se envolveram em veludneas folhagens, envergonhados da sua nudez. Não tarda que as mimosas glicínias venham debruçar-se com as suas tranças floridas aos muros dos quintais, onde os pilriteiros de alvas vestes presas em espinhos desfilhem ao sol, com a nostalgia dos valados nos ermos alentejanos. Já os melros assobiam e, lá mais para diante, hão-de ouvir, nas noites de luacetro os rouxinóis boémios nos olendros dos teltejos e quintalórios que são retalhos de paisagem campesina no cenário colorido do burgo sonolento.

Mesmo nos bairros tristes há expressões de graça, imagens delicadas e aspectos curiosos. Um tabuleiro com vasos de malvaicos e sardineiras salpicadas de vermelho, como jardins suspensos sobre a ondulação dos telhados, cujos beirais seguram ninhos de andorinhas; uma varanda florida e debruada; a madresilva rescendente; uma janela que se abre e uns olhos negros que contemplam o céu; uma gargalhada cristalina, uma promessa, um suspiro, às vezes, uma lágrima a brilhar numa cara bonita — amores-per-eitos que florescem na Primavera e se desfolham no verão.

Quanta poesia há nestas coisas singelas que Lisboa ignora!

CÉSAR DOS SANTOS

PRIMAVERA EM FLOR



CHURCHILL, COM O GENERAL MC. NAUGHTON, COMANDANTE DO CORPO EXPEDICIONÁRIO CANADIANO, ESTUDANDO UM MAPA DE GUERRA

AS IDEIAS DE GUERRA DE CHURCHILL

O acidente que modificou o curso desta guerra foi a nomeação de Winston Churchill para Primeiro Ministro da Gran-Bretanha. Esse episódio, que à primeira vista parece limitar-se ao campo restrito da política inglesa, teve repercussões incalculáveis. À frente do Império Britânico encontrou-se, pela primeira vez, um homem que aliava à sua experiência da vida pública um conhecimento exacto da pericia militar e cujas aptidões pouco vulgares apareciam todas dominadas por uma faculdade pouco vulgar: a imaginação.

As duas iniciativas arrojadas que alteraram o curso da conflagração de 1914-18 partiram de Winston Churchill: o desembarque dos ingleses em Antuérpia e a criação e utilização dos tanks como arma de combate. O primeiro redundou num benefício imediato; o segundo deu a vitória definitiva aos aliados. Mas em dois casos se revelou a energia que o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha tem quando ao serviço da pátria, corre um risco ou enfrenta uma dificuldade.

O seu depoimento sobre a inovação dos tanks oferece, neste momento, um interesse especial:

«Não havia nada de novo, escreveu Churchill, na ideia dum veículo blindado destinado a atravessar um terreno e a passar por cima de trincheiras ou de montanhas naturais, transportando canhões e combatentes. O romancista H. G. Wells, num artigo publicado dez anos antes, esgotara, praticamente, os recursos da imaginação humana neste capítulo. Por outro lado, desde os tempos mais remotos, a história da guerra fala de invenções deste género, utilizadas no ataque às linhas e às posições fortificadas. Os princípios gerais que impunham a realização duma

experiência de carros protegidos eram, portanto, evidentes. Por diversos processos tinha-se chegado a um elevado grau de aperfeiçoamento na utilização de chapas blindadas contra o perigo de projecteis. O motor de combustão interna fornecia a força motriz. Estavam reunidos os três elementos para dar corpo e realidade à ideia do tank.

Era preciso apenas realizá-la em todos os seus pormenores e impô-la contra toda as resistências. Winston Churchill era apenas o Primeiro Lord do Almirantado. Essa circunstância, que seria impeditiva para qualquer outro político, não o fez hesitar um instante:

«Mandei construir, sob minha responsabilidade os primeiros modelos de carros blindados. Autorizei com o meu nome uma despesa de setenta mil libras. Não convidei o conselho do Almirantado a partilhar comigo essa responsabilidade. Não informei o ministério da guerra pois sabia que protestaria contra a minha decisão. Nem o ministério da guerra nem a direcção da arma de artilharia eram favoráveis à ideia. Não informei também a tesouraria. Foi uma decisão muito grave tanto mais que se tratava dum assunto estranho ao meu departamento. Não hesitei em a tomar. Eu podia invocar, em minha defesa, a extrema gravidade da situação e a minha convicção de que era preciso fabricar aqueles engenhos. A minha defesa de pouco valeria. Valeu-me, porém, a circunstância de a ideia ter conseguido depois um grande e legítimo êxito».

Depois da batalha de Cambrai, e especialmente no ano de 1918, o tank decidiu da sorte da luta e serviu como sinal característico das ofensivas vitoriosas dos franceses, ingleses e norte-americanos.

A condução da guerra actual por parte da Gran-Bretanha está, em grande parte, condicionada pela energia, pela imaginação e pela decisão de Churchill. A sua mensagem ao general Wavell convidando-o a continuar a ofensiva em Africa, a sua escolha do almirante Tovey, do general Dill e do general Portal, para os comandos da esquadra, do exército e da aviação, a colaboração activa de todas as armas nas operações de envergadura denunciaram o pensamento realizador de Churchill na actividade militar da Grã Bretanha.

O seu pensamento, revelado nos livros que escreveu e nos discursos que freqüentemente profere, não oferece segredos. O Primeiro Ministro entende que o actual conflito deve ser conduzido por duas concepções: limitar ao mínimo as perdas em vidas, utilizar ao máximo o efeito de surpresa. O seu espirito tem o horror das grandes hecatombes. A sua imaginação fumegante trabalha incansavelmente e aproveita todas as oportunidades e todas as colaborações úteis, por mais obscuras que sejam.

A utilização dos tanks, o ataque aos Dardanelos, o desembarque em Gallipoli, a frente de Salônica, a conquista de Borkum, o aparecimento dos ingleses em Antuérpia demonstraram na última guerra até que ponto os métodos churchillianos podem contribuir para a decisão final. Nesta guerra a retirada de Dunquerque, a utilização da aviação de caça na batalha sobre a Inglaterra, a ofensiva da Líbia, o desembarque em Creta e em Corfu, o ataque às ilhas Lofoten, a conquista do auxílio americano repetem, em curto espaço de tempo, uma série de experiências felizes e de iniciativas arrojadas que a vitória consagrou há um quarto de século.

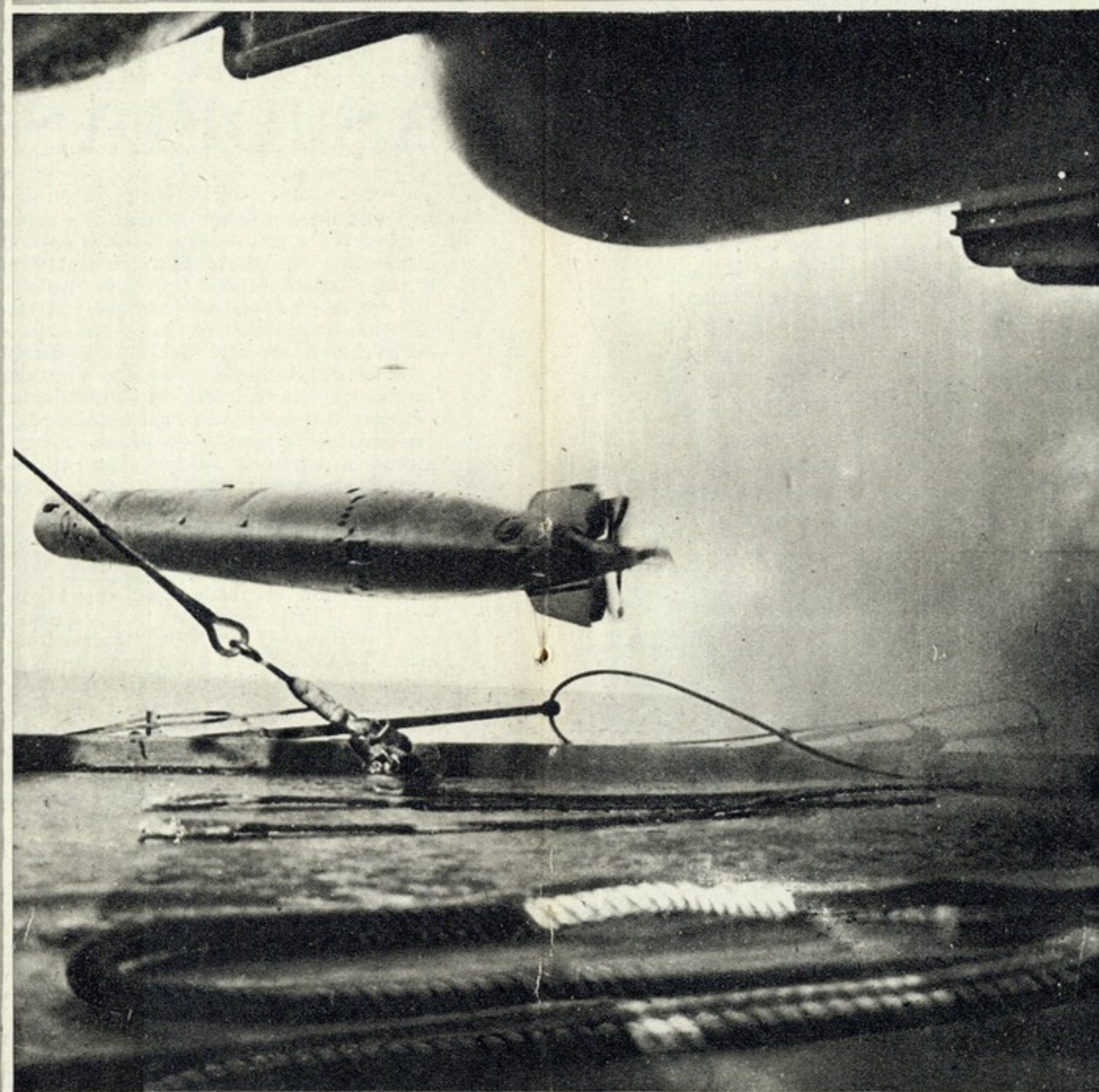


O SORRISO DA VITÓRIA DOS AUSTRALIANOS, NA CIRENAICA

EM MILÃO, DEPOIS DUM BOMBARDEAMENTO DA R. A. F.

O COMANDANTE DAS FORÇAS AUSTRALIANAS EM BENGHAZI

O PODER DA INGLATERRA



NUMA CASA DOS ARRABALDES DE BENGHAZI, UM POSTO DE OBSERVAÇÃO INGLÊS

A BORDO DUM DESTROYER POLACO. UM TORPEDO LANÇADO AO INIMIGO

AS TROPAS INGLÊSAS ENTRAM NA CAPITAL DA CIRENAICA

O NOSSO CONCURSO FOTOGRÁFICO

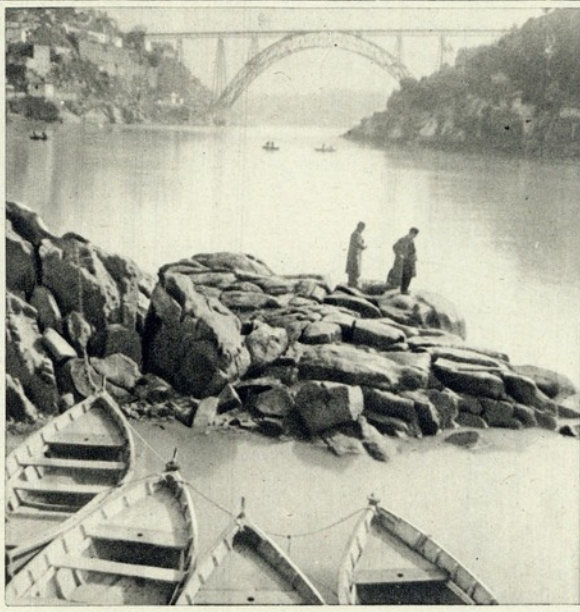


«Na capoeira», de André de Mira Correia

Foi um êxito o nosso concurso. Podemos dizer que Portugal não é apenas um país de poetas mas de artistas da fotografia que sabem descobrir o assunto, enquadrá-lo com beleza e dar-lhe o melhor relêvo técnico. Contámos cerca de duzentos concorrentes de todos os pontos do país. Portugal em imagens passou pelas mãos do júri que, apesar da sua alta competência, só teve dificuldade em escolher. Muitas das fotografias recebidas ficarão, se os seus autores autorizarem, no arquivo do «Mundo Gráfico», para serem oportunamente publicadas, já em capas, já ilustrando as páginas interiores da nossa revista.

O júri foi de uma meticulosidade irrepreensível: viu, atentamente, prova por prova, e todos os clichês. Nada lhe escapou e só teve pena de não ter mais prémios para os conceder. Não quiz, porém, dividi-los nem inundar os concorrentes de menções honrosas.

O júri, como dissemos, era constituído pelos srs. prof. Varela Aldemira, sócio da Academia de Belas Artes, Mário



«Rio Douro», de José Gomes de Oliveira, que obteve o 3.º prémio



«O Corvo», de Antonio Calate de Almeida, que ganhou o 2.º prémio



«Casa rústica», de Silvestre da Costa e Silva

Novals, um grande nome da fotografia artística, e Rocha Ramos, jornalista e editor do «Mundo Gráfico». Todas as suas resoluções foram tomadas por unanimidade:

1.º prémio, de 500\$00, à fotografia «O latoeiros», do sr. alferes José Coutinho, de Agueda:

2.º prémio, de 250\$00, a «O Corvo», do sr. José M. Calate de Almeida, de Lisboa.

3.º prémio, uma assinatura anual do «Mundo Gráfico», ao sr. José Estrela Brito Gomes de Oliveira, de S. Gens, Senhora da Hora (Porto).

Mereceram ainda especial atenção ao júri, pela sua beleza artística e carácter documental da vida portuguesa, os seguintes concorrentes: André de Mira Correia, do Porto; Alberto Barata Pereira, de Coimbra; Carlos Silva, do Porto; Silvestre da Costa e Silva, de Lisboa; Varela Cid, de Lisboa; Adelino Xavier Esteves, do Porto; Antonio Pádua Lobo, de Lisboa; Elisio R. Silva, do Porto; Henriques de Almeida, de Coimbra; Jacinto Rodrigues Matos, de Lisboa e Gerard Sharp, de Lisboa.



«Ternura», de A. Barata Pereira



«Reflexos», de José Gomes de Oliveira



«África em Portugal», de Carlos Silva



NELSON
1758-1805

UMA CONFERÊNCIA

“NELSON, almirante dos tempos de hoje”

O sr. capitão-tenente Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, chefe do Estado Maior da Força Naval da Metrópole, fez, recentemente, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma brilhante conferência sobre «Nelson, almirante dos tempos de hoje», a que presidiu o sr. prof. dr. Providência e Costa, director da Faculdade.

Começando por se referir ao dito do Marquês de Pombal de que «ha homens para tudo, até para andar no mar», para «justificar o seu atrevimento em ir a Coimbra, à origem dos coordenados das letras fazer uma conferência literária», o orador salientou que «Coimbra, como Portugal inteiro, não é uma terra continental. Os nossos olhos voltam-se continuamente para o mar, essa planície heroica para onde as impenetráveis e hostis continentalidades nos empurraram».

Entrando propriamente no assunto dominante da conferência, começou por dizer que «Nelson, o maior dos almirantes da marinha inglesa», estava hoje presente como nos incertos dias dos fins do século XVIII. Agora, como então, luta-se no mar pelo senhorio da terra. Se a vitória é consagrada na terra, é no mar que se forja e enraíza com vigor. Na luminosa síntese de Darrioux, Waterloo não

foi mais do que o golpe de misericórdia; Trafalgar era a ferida mortal».

E, depois de fazer uma sugestiva biografia do herói de Trafalgar, sempre escutada com vivo interesse pela assistência, aludiu à maneira como se conduzia com os seus marinheiros a quem não ofendia com «castigos corporais, ignominiosos». Tinha o maior cuidado com a higiene e conforto dos homens, não descansava enquanto não conseguia que fossem convenientemente recompensados—disse. Por isso, «as guarnições se acotovelvavam para chegar mais cedo, para embarcar com êle».

E, depois:

«Nelson, não só não consentia que se perdesse tempo com preparativos desnecessários, como ainda entendia que «era preciso pensar no interesse da nação, arriscando a cada instante a própria fama».

E, pondo em evidência a necessidade que a Inglaterra tinha de combater quasi sempre contra forças numericamente superiores: «Não curando do número de adversários que teria de defrontar, Nelson foi o instrumento da vitória. Quanto maior é o inimigo maior é o alvo».

«Era assim, foi assim que o império se formou, mais pelo valor dos marinheiros do que pelo número de navios».

«Essencial era ter confiança na vitória».

Mais adiante, a fazer a comparação dêle — «meio cego e sem um braço» — e dos seus navios, com os oficiais e os navios de hoje afirmou:

«Os oficiais de hoje, robustos, elegantes, em magníficos navios, a nada mais aspiram do que a ser tocados pelo sopro genial de Nelson, dêsse almirante ridículo e mal trajado, franzino e doente, que em velhas fragatas corria o Mediterrâneo e o Atlântico, adivinhando mais do que via, acossado pelos temporais, atormentado pelo enjôo, anos inteiros sem pôr pé em terra, sempre atrás dos franceses, sem perder um minuto, nem uma oportunidade!»

Descreve a derrota dos franceses em Aboukir, e conclue:»

Soou a hora de Trafalgar, Nelson vê ao longe o seu amigo Collingwood, à frente do 1.ª esquadra, investir com o inimigo:

— Olhem como o nobre Collingwood leva o seu navio ao ataque! No mesmo instante Collingwood dizia:

— Quanto daria Nelson por estar agora aqui!

Eram assim os homens que Nelson formou:

A «Victory» chega, por fim, à abordagem. A «Redoutable» é o seu inimigo. Mortos juncam os dois navios. Nelson passeia no tombadilho, com tôdas as medalhas. Do alto dum mastro do francês, um atirador desconhecido aponta demoradamente o glorioso peito de Nelson. Uma bala parte e o maior de todos os ingleses tomba para sempre.

O moribundo pede água.

— Como vai a batalha?

O Comandante Hardy informa:

— Catorze a quinze inimigos capturados; uma grande vitória!

— Isso é bom Hardy. Eu tinha dito vinte... Espero que nenhum dos nossos se tenha rendido.

— Não almirante.

Um sopro de vida apenas mas é ainda o Chefe. Na iminência do temporal que se avizinha, pensa na desmantelada esquadra que será atirada contra a costa inimiga, a vitória a tornar-se em derrota.

— Largue o ferro, Hardy, largue o ferro!

Hardy, vendo-o agonizante, diz-lhe:

— Suponho, almirante, que o comando pertence agora ao almirante Collingwood.

— Enquanto eu viver, não, Hardy. Largue ferro!

E depois emocionado:

— Hardy, não me deem ao mar!

Está a acabar. As suas últimas palavras:

— Deixo Lady Hamilton e a minha filha Horácia ao meu país. Graças a Deus, cumpri o meu dever.

E, a terminar, o conferente sublinhou: «Trafalgar foi o pilar mais sólido da grandeza imperial da Inglaterra. O domínio do mar, de importância crescente no decurso da guerra, acabou por levar a vitória britânica às mais interiores regiões da Europa».

Ninguém dirá que Nelson morreu. Quando nos vastos oceanos, por seu valor legados ao domínio britânico, a bandeira inglesa tremula às aragens da Glória, os marinheiros dizem que Nelson voltou.



No convés do «Victory» onde Nelson tombou durante a batalha de Trafalgar



Como se faz um frasco. A massa vitrea, que fundiu a 2000 graus, vai ser mollada mecânicamente



Com a «cana», o vidreiro tornea o gargalo do frasco

ra própria. E da areia em lava «nasciam» copos, colos esguios de frascos e de garrafas, bojudos globos, jarros, solitários, cinzeiros em série, o artigo de preço e a fancaria barata.

Mãos delicadas de mulheres armam os tabuleiros e conduzem às peças às secções de ajustamento e escolha.

O trabalho perdeu agora a parte espectacular e movimentada.

De volta de tornos apropriados, operários especializados no corte de vidro, ajustam as embocaduras, tallam rolhas, aplicam com polvilhadores de areia os «foscos» na obra.

Noutra secção, com mão segura, dá-se a tonalidade marmórea a certos vidrados e aplicam-se as pinturas de fantasia. A peça finalmente retocada só aguarda o comprador.

A LAVA BRANCA

A massa tinha a tèmpera de lei. Presa à extremidade da «cana», o pequeno vidreiro assoprou-a, estendeu-a na «marma», viu que não estava quebradiça e formava uma única camada transparente e fina. Aquela prova tão repetida atraiu, assim mesmo, a atenção de todo o mundo, como um fenómeno que se observa pela primeira vez. Já no chão vieram vê-la, um a um, aprendizes, ajudantes e oficiais. Estava em ordem. Não havia que pôr objecções.

E todos largaram para o trabalho, formando os grupos da «obragem». Quem tinha de ir para as máquinas foi. Quem tinha moldes à sua conta agarrou-se a eles, não precisando indicações. Então, dezenas de aprendizes acercaram-se do grande forno, que era por si próprio tôda a oficina e a dominava. Junto de suas enormes portadas e das numerosas «bocas», colaram-se os anteparos de

madeiras. Não fôsse o diabo tecê-las e a lava espirasse sem razão.

A manhã fechou-se numa humidade de luz que mais fazia ressaltar a fornalha imensa que projectava nas paredes figuras de Fábula, polvilhadas de poalha incandescente.

Tudo a postos e cada um no seu lugar. De troncos nus, que o calor, só ali, apertava, os pequenos operários mexeram a lava, que se pegou como betume em fôgo às extremidades das compridas «canas» de ferro. E o dia de trabalho começou.

Procurando facilitar a vida uns aos outros, desempedindo as bocas do forno, tendo presente a necessidade de serem ligeiros, os aprendizes, carregavam a massa, e entregavam-na aos oficiais, que a assopravam e lhe davam forma, distendendo-a depois em complicadas bigornas, modelando-a em caprichosos feitos, aplicando a tempo os ferros e indo depois cortar sôbre o lume, na altu-



Um operário examina se a peça de vidro tem imperfeições.



Uma lágrima de vidro em fusão que vai cristalizar



O aprendiz dá a «marisa» ao oficial para acabamento da obra. O vidro em fusão «cola» facilmente

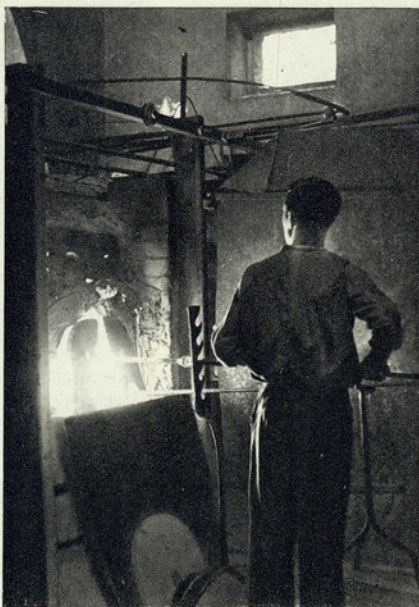
Como em nenhuma outra indústria o operário vidreiro tem liberdade e sentir próprio. Mesmo na fabricação em série, conserva uma personalidade, tem uma maneira de talhar que é individual e que o distingue entre os seus camaradas. Formam uma elite com processos de trabalhar únicos. E houve tempo, no tempo de William Stefens, o grande organizador da indústria vidreira em Portugal, que o operário da obra de vidro formava uma classe à parte no mundo trabalhador, uma burguesia do «meio», com suas tinturas de ilustração. É que o velho Stefens abriu escolas e, para fazer vingar a sua organização comercial, começou por exaltar a dignidade, dentro do velho uso inglês, e valorizar o grande «capital» da sua indústria: o seu operariado.



O ajudante, que é um fervoroso desportista, marcou na guarda da fornalha o resultado dos jogos de futebol do último domingo.



No ambiente irrespirável, sufocados pelo calor, os vidreiros trabalham



A' boca do forno. Caldeando uma peça para um lustre



Aqui é a «arca» onde se temperam as peças. O operário desenforma

NA LINHA

A indústria de paraquedas, na Grã-Bretanha, atingiu um desenvolvimento nunca igualado. Servida por pessoal feminino especializado e ótimo material, tem sido a melhor auxillar da complexa organização aeronáutica britânica, que tende para o máximo rendimento productivo e o mínimo de perdas em vidas e aparelhos.

Desde que começaram os ataques em grande escala ao solo da Inglaterra, em 8 de Agosto do ano passado, dos 792 «caças» da R. A. F. abatidos em combate com os aviões inimigos, dos quais 2.670 foram destruídos, salvaram-se em paraquedas os tripulantes de 418 dos aparelhos ingleses.

E' de incalculável utilidade um paraquedas bem confeccionado. Construídos em seda de excelente qualidade, pois devem ser leves, facilmente dobráveis num pequeno espaço e resistentes, as gigantescas umbelas são também empregados no lançamento de fachos sobre os alvos inimigos. A lenta descida permite que o objectivo esteja iluminado o tempo suficiente para que os bombardeiros actuem com precisão, durante os ataques nocturnos ao território inimigo.

O Governo britânico mandou estudar e construir um novo abrigo doméstico contra ataques aéreos, baseado na segurança que uma mesa vulgar pode oferecer. E' ele mesmo uma mesa, com pernas metálicas sobre as quais pode ser aparafusado rapidamente um sólido tampo de aço. Um pouco acima da parte média das pernas, está suspenso um colchão suficientemente amplo para dois adultos e duas crianças, protegido, em toda a volta, por uma resistente rede metálica de malhas apertadíssimas.

Submetida a experiências, a «mesa-abrigo» demonstrou excepcionais qualidades de resistência, concluindo-se que pode suportar, até, o desmoronamento completo da habitação. São distribuídos gratuitamente aos chefes de família cujo ordenado é inferior a 350 libras actuais e por 5 a 8 libras aos que usufruem rendimento superior. A maior vantagem destes abrigos trazuz-

UM GRUPO DE MANEQUINS ANTES DE PARTIR PARA A AMÉRICA DO SUL APRESENTA-SE EM BUCKINGHAM PALACE À RAÍNHA ISABEL

DE FOGO

-se no facto das pessoas, com absoluta certeza de protecção, não sofrerem o desconforto dos obrigos colectivos.

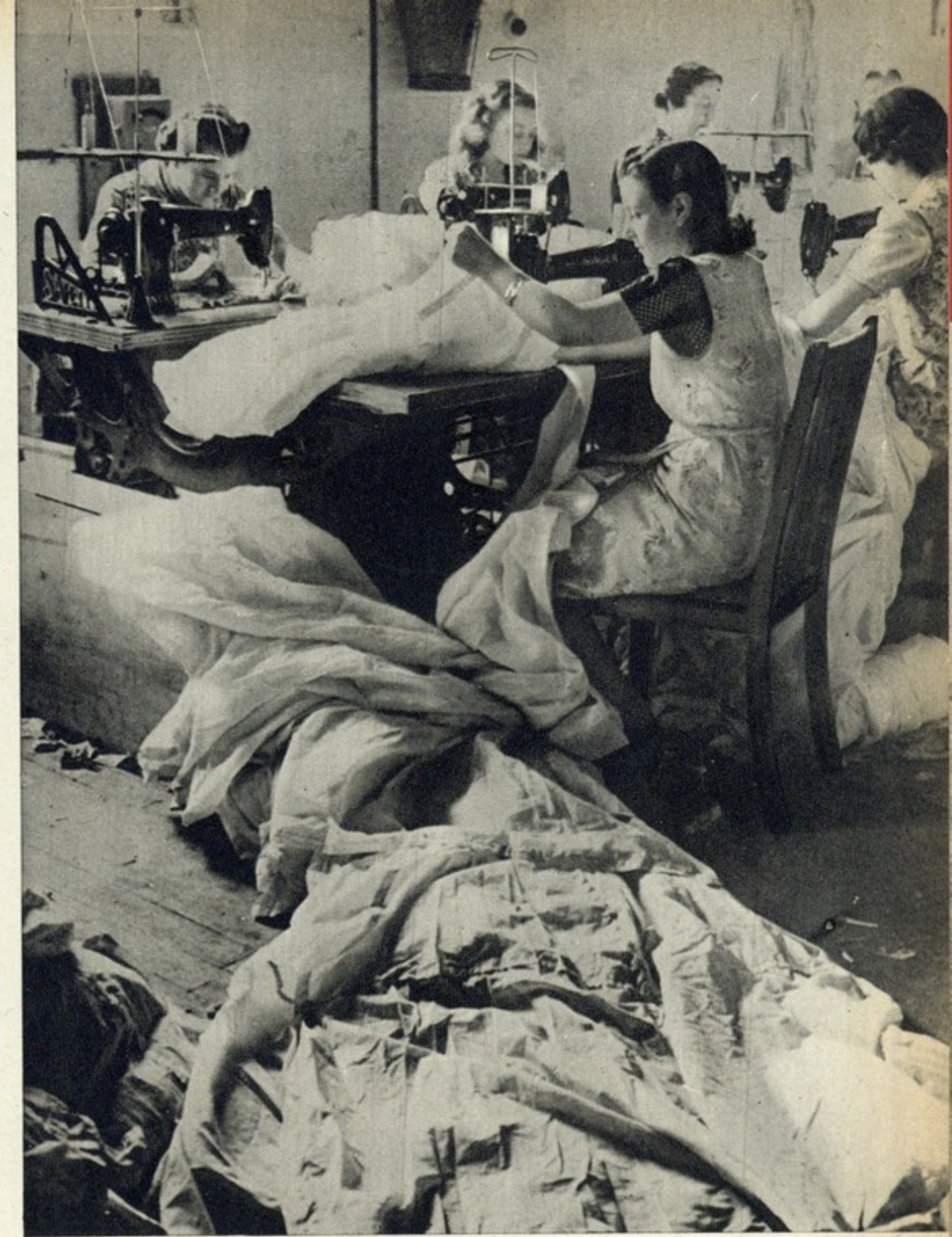
Nem tôdas as unidades da Marinha Mercante inglesa, afundadas pelos submarinos ou aviões inimigos, estão completamente perdidas. Para isso tem contribuído, com uma actividade excepcional, a Secção de Salvamento do Almirantado, trazendo à superfície a maioria dos barcos submersos, para logo serem reparados. Evidentemente que alguns estão de tal maneira danificados que não vale a pena repará-los. Apesar de tudo, são retirados do fundo para aproveitamento do material e maquinismos. Além disto, é quasi sempre possível salvar os carregamentos. Aquele organismo já trouxe à superfície milhares de toneladas de mercadorias de grande valor que unidades afundadas transportavam.

Em 1940, a aviação comercial britânica voou nove milhões e duzentos e sessenta mil quilômetros, transportando, além de passageiros e frete, cerca de trinta milhões de cartas. Durante o Inverno, quando péssimas condições atmosféricas tornavam ainda mais difíceis os vôos, os hidroaviões e aeroplanos da Aviação inglesa percorriam semanalmente 185.200 quilômetros. Apesar da situação no continente, a Grã-Bretanha manteve todos os seus contratos de serviço aéreo. Na carreira para Lisboa, viajaram, só num mês, 400 passageiros. E' curioso observar a diversidade de nacionalidades dos individuos que por vezes viajam no mesmo aparelho. Recentemente, no mesmo avião, estavam «representados» oito países: Grã-Bretanha, Polónia, Noruega, Bélgica, França, Japão, Hungria e Luxemburgo.

A mais extensa carreira que até hoje tem sido explorada e continua a ser sobrevoada por aviões britânicos, vai de Inglaterra até a África Ocidental compreendendo uma travessia sobre o mar de 1.800 milhas. Continua pela costa até o entroncamento da linha que corta o continente africano transversalmente, num percurso de 3.500 milhas e continua para o Oriente até Sidney, na Austrália, e Auckland, Nova Zelândia.



Depois de um heróico combate no Mar do Norte este navio mercante inglês conseguiu alcançar a costa e vai ser rapidamente reparado



A mulher inglesa foi mobilizada por Bevin. Milhões de «saías», trabalham agora na indústria de guerra. Manufactura de paraquedas



Em Londres, apesar dos bombardeamentos, vive-se normalmente e, pelo visto, come-se também admiravelmente



Num abrigo de Londres. As mulheres sorriem e as crianças têm tôdas as gulodices que querem



O ARCO DO CHANCELER, DO PALÁCIO DOS AZEVEDOS COUTINHOS, NA VELHA ALFAMA MARINHEIRA

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Norberto de Araújo

Norberto de Araújo, jornalista, romancista, poeta, dramaturgo, é dos grandes apaixonados literários de Lisboa. Tõda a sua obra reflecte a beleza, o pitoresco, a humildade, e cõr da velha urbe. Um dia escreveu-nos o Fado da Mouraria, com o fundo curioso bairro, no seu teatro vivo de almas e de costumes. Outro, em pinceladas dum azul lírico, deu-nos a Novella de Amor Humilde, outro trecho citadino, Alfama, entre os muros sombrios de São Vicente e o largo de Santo Estevão, lindamente aquarelado na sua pobreza castiça.

Mais tarde, o escritor, calcurreou Lisboa, de braço dado com um amigo, e aqui parando ante um registo de azulejo, além fazendo a história duma nomenclatura pitoresca, criou o seu melhor romance: Peregrinações em Lisboa, o romance da capital, desde tempos remotos até nossos dias, com uma tal palpação de interesse e de curiosidades eruditas, que esse livro recebeu uma justa consagração oficial.

Éis a opinião de Norberto de Araújo:

A certas horas do dia o adro de Santo Estevão reveste-se de um encanto, que não é alfamista, mas bairrista de tõda uma Lisboa velha, que ali se aninha em planos de artista espontâneo, uma convergência de valores evocativos e pitorescos.

Em noites de luar este sítio torna-se de infinita poesia.

O ambiente à sombra do Cruzeiro de pedra, e dos muros do templo de mármore e ouro; no encosto do lindo palácio dos Azevedos Coutinhos, com seu arco abatido, seus terraços de azulejos, sua fachada de puro espécime seiscentista; na vizinhança do Pátio das Flores, com suas casinhas cõr de rosa, andares de resalto e soleiras de pedra poída; à ilharga do trono encantador que é a escadaria de Santo Estevão para o Arco do Chanceler; na proximidade do mais que humilde Pátio das Lajes e do Bêco do Carneiro; no enfiamento

de uma faixa do rio, exactamente no sítio onde não chegam navios e vogam apenas velas brancas de faluas; na contemplação do casario aglomerado de S. Miguel e dos Remédios, de S. Pedro e Salvador, da Regueira e do Castelo Picão; na evocação das coisas do passado marinheiro de Alfama, das coisas da história fidalga do bairro, das coisas da índole devota do povo de pescadores, das coisas do padroado real de Santo Estevão e do primado espiritual dos beijos de Lisboa; — o ambiente d'este adro, cuja Inscrição da Cruz pede, já mutilada, "que se louve o Redentor", é propício à meditação, lindo pelo cenário, amável pelo isolamento, generoso pela prodigalidade dos elementos que o cercam.

Neste recantozinho alto, o Cruzeiro melhor situado das igrejas de Lisboa — o que se não vê, adivinha-se. Uma hora dentro do templo, de mármore rosa e branco, no capricho octogono o que sucedeu às naves do século XII e XIV, colhe-se aquele sentido místico de doçura, sem o qual tõda a beleza é fria.

Tudo se combina entre o espírito e os olhos neste lindo sítio, o mais bonito de Lisboa.



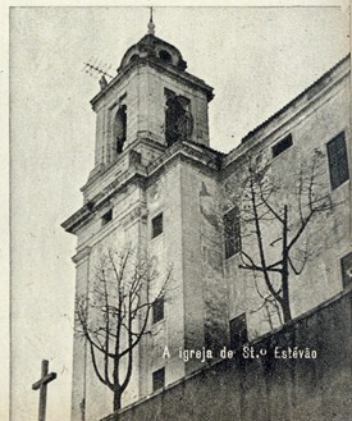
Estampa antiga



Um côrnel do Palácio



Um recanto do velho bairro



A Igreja de St. Estevão

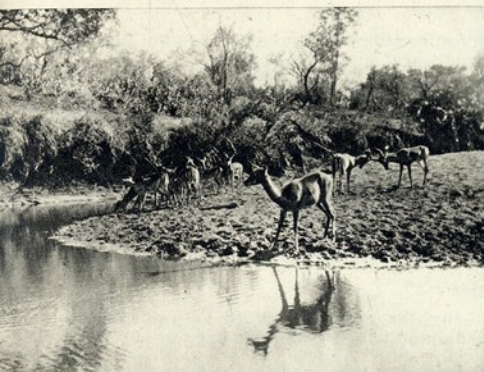


Nas terras virgens, sob um céu em fogo, o «combóio» avança através da pista poeirenta

O PAIS DO SOL E DOS DIAMANTES



Na «reserva» da caça da União Sul Africana. Uma leoa fotografada a dez metros



No Parque Nacional Kruger as corsas timoratas dessedentam-se

A África do Sul, país do futuro, impregnado do romantismo do passado, oferece, ao viajante que procura sensações novas, emoções profundas de imprevisto, por entre um clima dos mais deliciosos, numa seqüência admirável e constante de espectáculos grandiosos, onde se conjugam, numa soberba manifestação de beleza e grandiosidade, uma assombrosa prodigalidade de encantos proporcionados pela Natureza.

Chama-se à África do Sul o Reino do Sol. Assim que chega ao Cabo, o viajante que vai da Europa fica agradavelmente surpreendido pelo aspecto pitoresco da cidade. Edificada junto dos contrafortes verdejantes duma alta planície, que se inclina sobre a Península, a cidade do Cabo tem, como sentinelas, duas pontes rochosas, sob as quais se destacam, numa linda visão, as ondas azuladas da baía.

É um pôrto essencialmente moderno, tanto pela sua disposição como pelos seus belos edifícios, onde, contudo, subsistem vestígios interessantes dum passado romântico e o famoso castelo que serviu de refúgio aos primeiros colonos contra as aguerridas incursões dos Hottentotes, e numerosos traços da velha arquitectura holandesa, havendo, também, esplêndidos museus e galerias de arte. As avenidas estendem-se até os primeiros pendores rochosos que protegem a cidade e o cume de Table Mountain é facilmente acessível, graças a um teleférico que o liga à cidade. Todavia, os turistas amigos de emoções fortes podem atingi-lo escalando um dos numerosos trilhos sinuosos que se prolongam pelas vertentes abruptas.

Lá do alto, desenrola-se um magnífico panorama, espraçando-se a vista não só pelo pôrto e os seus contornos, mas ainda pelas campinas verdejantes, ao longe, no interior do país. Pode seguir-se com os olhos a famosa estrada costeira The Marine Drive, que tem mais de 160 quilómetros de extensão, serpenteando, como uma fita branca, em cercadura do mar.

Depois de escalada a Table Mountain, de ter percorrido Marine Drive, o visitante encontra grandes motivos para se exaltar com a riqueza incomparável da flora selvagem de que muito se ensoberbece a Península, pois não se encontra em outra parte do Mundo uma tal variedade de espécies e de cores.

E há ainda os espectáculos admiráveis das frescas sombras das vinhas de Constantia, a soberba floração de Kirstenbosch e as alegrias oferecidas pela ascensão das

montanhas, o ski náutico, e uma infinita série de desportos, em que têm primacial destaque o hipismo, o «tennis», o «golf», o polo, «handball», corridas de automóveis e de bicicletas, etc.

A seguir, numa sucessão constante de transformações das mais apreciáveis, utilizando um esplêndido serviço ferroviário, ou uma impecável organização de transportes aéreos, providos de aparelhos multimotores, o turista deve dirigir-se para o interior, até Worcester, onde começa a impressionante escalada para o cume de Hex River Pass.

O combóio serpentina e trepa constantemente pelas vertentes de contrafortes gigantes, bordados de precipícios, atravessa pontes construídas sobre ravinas vertiginosas.

Johannesburgo, a cidade do ouro, formidável cofre-forte natural, de onde já foram retirados mais de dezasseis triliões de francos de ouro, é uma metrópole moderna, que se tem desenvolvido com a velocidade dum meteoro e possui edifícios magestosos, avenidas amplas, arejadas e floridas, lindos parques, campos de desportos, piscinas e, enfim, tudo quanto pode atrair e fascinar.

Pretória, a 76 quilómetros de Johannesburgo, é uma das mais belas cidades da União e o quartel-general das indústrias do ferro e do aço e tem, próxima, a grande mina onde se encontrou o maior diamante branco do mundo, que pertence actualmente às jóias da Coroa Britânica.

Depois, a Rodésia, com os seus Montes Matopos, com os seus blocos maciços de granito, do alto dos quais se descobre o magnífico espectáculo que Cecil Rhodes classificou de visão do Mundo. Da Rodésia, Bulawayos, as Cataratas Vitória, que são uma das mais admiráveis obras-primas da Natureza, oferecendo uma imensa variedade de espectáculos sem igual.

Mais uma assombrosa maravilha há ainda para admirar: as Cango Caves, em Oudtshoorn, enormes cavernas de estalactites, que se sucedem em mais de três quilómetros, nas profundezas do maciço. A beleza fantástica destas salas imensas, realçada por uma hábil iluminação eléctrica, atrai ali um considerável número de visitantes, que dificilmente abandonam tão bela quão magestosa visão, que parece querer reproduzir os célebres e imaginários jardins de Aladim, dos contos das «Mil e Uma Noites», tão cheios de encanto êles se apresentam.

Página Feminina

de AURORA JARDIM

A Moda da Primavera

Pois há moda?

E' claro: há sempre. Enquanto houver uma mulher no mundo, há, pelo menos, uma pessoa que pergunta a si própria:

— Como hei-de fazer o vestido azul que quero comprar? E o branco?

E dêste desejo nasce a Moda, que não é só garridice, mas também maneira de dar trabalho a muita gente.

Ora vejamos então o que se usá nesta primavera de 1941:

As linhas gerais são as mesmas, dentro do que é prático, simples e fácil de usar; apenas as cores se tornam mais leves e os tecidos também.

No casaco de rua, há uma variante a notar: a manga, que tanto pode ser quimono como morcêgo. O *tailleur* clássico ver-se-á de manhã e o mais guarnecido, de tarde. Este último terá, como principal enfeite, os bolsos franzidos, sobre aba, mas situados muito na frente.

As guarnições clássicas continuam a vêr-se: nervuras, pregas finas, pespontos.

Ao lado dos *ensembles* de duas peças, usam-se também os de três e quatro, podendo continuar a adoptar-se a oposição de tons que tão grande voga tem tido.

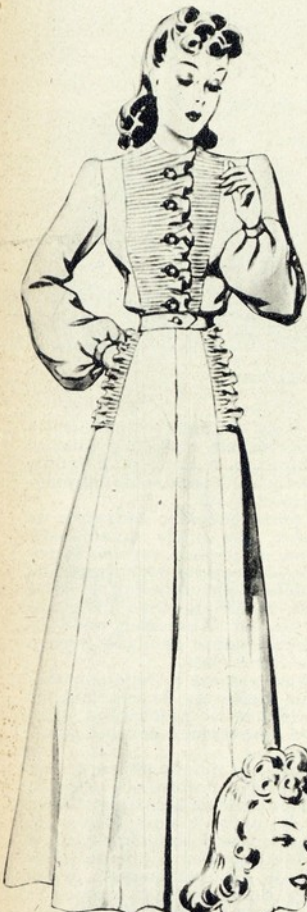
O fundo é quasi sempre sombrio para não dizer preto, mas há notas de cores vivas que dão imenso realce; o tom de fôgo, o coral, o morango esmagado, a turquesa, o rosa, o vermelho muito escuro mas quente. É isto em bordados, charpas, galões, encaixes, mangas, coletes. Está provado que basta uma pequena mancha de cor para alegrar o mais severo vestido.

Como o de baile está um tanto pôsto de parte, é no de tarde que recaem tôdas as atenções. Se é para sair, mantém-se curto, se para jantar, desce e tem mais roda. Mangas compridas, ausência de decote.

Também se vêem muitas blusas de cerimônia em *lamé* branco, renda, brocado, tafetá original, cetim lacado ou brilhante e túnicas em dois tons do mesmo cetim: branco e preto, por exemplo. E muita renda, que tem sempre a diafanidade dum sonho que é realidade: o da beleza feminina.



Primeiro o lenço. Depois o chapéu.
RESULTADO: Conjunto moderno



Ementas simples

ALMOÇOS

Ovos com molho *béchamel* — Língua à jardineira — Queijo — Fruta.

Linguados com esparregado — Bifes de cavalo — Queijo — Fruta.

Rins com vinho do Pôrto — Perna de carneiro — Couve-flôr com manteiga — Compota — Fruta.

JANTARES

Sôpa de legumes — Filetes de pescada com puré — Pombos assados — Pudim de pão — Fruta.

Consommé com ovos escalfados — Salmonetes com esparregado — *Rouilles* com manteiga — Pôrco assado — Leite creme — Fruta.

Sôpa de sêmola — Caldeirada de enguias — Espinafres com manteiga — *Fricassé* de frango — *Mousse* de chocolate — Fruta.

Saiba vestir-se e arranjar-se, corrigindo-se

Tem o pescoço curto?

Então fuja das golas muito subidas; tenha sempre um bocadinho de decote.

É muito sardenta?

Aplique o pó-de-arroz exactamente no tom das sardas. Ou, então, o *fond-de-teint*, do qual, no entanto, se não deve abusar, porque seca a pele.

É muito baixinha?

Então permaneça sentada, de preferência. Não use *tailleur*; prefira o casaco pelo joelho. E tecido às riscas verticais.

Trabalha fóra de casa?

Use vestidos muito simples, penteado nitido, salto médio, cores escuras e, nas unhas, nada de verniz berrante.

Tem os ombros descaídos?

Ponha chumaços. A manga deve ser presa bem acima.

ELEGANCIA CASEIRA

Roução em flanela de lá cor de rosa guarnecido com pregos abertos a ferro na extremidade

.....

Pijama de cetim duplo-face; brilhante e mate



O primeiro «team» do Arsenal F. C. O último jogador sentado, da direita, é Bastin, que com Alex. James, que lhe dá a esquerda, formaram a mais célebre «asa» dos clubes ingleses

A guerra fez paralizar os campeonatos oficiais da Liga inglesa. Os *soccers* abandonaram os estádios e correram às armas. Os quatro mil profissionais dos oitenta e oito clubes das três divisões da Liga estão distribuídos por todas as frentes de batalha onde se joga a defesa do Império. Cada um tem o seu lugar, como num *team* de futebol. E são tão bons soldados como futebolistas. Alguns caíram já no campo da honra. Não voltarão a jogar futebol. Mas não podia ter sido mais honroso o seu último jogo...

Há tempo, o telégrafo trouxe a notícia de que um *team* de prisioneiros ingleses na Alemanha jogara uma partida de futebol, vencendo uma equipa alemã por 27—0. O seu virtuosismo causou espanto. Veio, depois, a saber-se que ela era composta de jogadores do Aston Vila, o clube de Jimmy Hogan, o treinador que conhecemos em Portugal, quando da visita do *team* da Austria, que ele então dirigia. E agora chega a informação de que o internacional inglês, do Arsenal F. C., de Londres, Clifford Bastin, ao serviço da R. A. F., fôra abatido no céu da Itália, depois dum combate glorioso. A notícia deve ter causado viva impressão em todos os países onde se joga futebol, pois este célebre jogador inglês possui renome mundial. Em Itália, particularmente, é muito popular, depois que jogou naquele país pelo *team* representativo de Inglaterra.

Tivemos ocasião, há poucos anos, de conviver com Bastin no magnífico estádio do Arsenal, a nordeste de Londres. Vimo-lo treinar e jogar. Pode dizer-se que Bastin é dos jogadores mais extraordinários das últimas gerações. E, à primeira vista, ninguém o dirá, à mingua de excepcionais recursos atléticos. Mas, a sua grande classe denuncia-se logo que ele toma contacto com a bola. E' um jogador malabarista e de execução perfeitíssima.

Foi o falecido manager do Arsenal, H. Chapman, quem descobriu nele uma excepcional intuição para o futebol. Bastin, nesse tempo, era muito novo, estudante ainda, e começava a jogar no *team* do Exeter e não parecia destinado a ser um dos mais famosos ases ingleses. Chapman, porém, reconheceu nele tais qualidades que, com o espanto geral, ofereceu 2.000 libras pela sua passagem para o Arsenal. A critica foi severa para o manager. Nunca se pagara igual soma por um jovem principiante.

BASTIN, piloto de guerra

Mas, deve ter sido a melhor operação realizada pelo Arsenal. Dois anos depois, ao lado do célebre escocês Alex James, Bastin era internacional e o clube de Highbury possuía a melhor asa esquerda de todos os *teams* da Gran-Bretanha. Em breve, Bastin tornava-se um dos melhores ingleses. E o clube, com o seu concurso, decuplicara em receitas o preço do trespasse. Em três anos consecutivos o Arsenal ganhava o Campeonato da Liga e Bastin, num desses anos, jogando a extremo esquerdo, marcou 33 *goals* em 42 jogos, batendo o *record* nessa época. Estava feita a glória de jovem az que Chapman despistara entre a legião dos principiantes.

Bastin afirmou-se sobretudo por duas qualidades excepcionais: uma execução perfeitíssima, pelo que quasi sempre tem sido escolhido como demonstrador, e uma espantosa adaptação a qualquer posto. Sendo originariamente extremo esquerdo, tem jogado no seu clube a interior, a extremo direito e a médio ponta e em todos esses postos tem manifestado a mesma classe invulgar. São raros, mesmo muito raros, os jogadores que conseguem jogar indiferentemente em qualquer posto na linha de ataque e a médio. Bastin está nesse caso e pode avaliar-se do seu alto valor, sob esse aspecto, dizendo-se que tem jogado no Arsenal, em jogos da Liga, a extremo esquerdo, a direito, a interior e a médio, em qualquer dos lados.

Bastin, como bom desportista e bom inglês, quando a Inglaterra pegou em armas trocou imediatamente o equipamento do futebol pela farda de soldado. Foi dos primeiros a alistar-se e elegeu a R. A. F. como posto de combate. Os outros *soccers* seguiram-lhe o exemplo e não poucos jogam hoje no exército e na armada o maior e mais glorioso *match* da sua vida. Bastin, acaba de ser vencido. Um pouco como aqueles jogadores que se magoam e saem do terreno... Mas, o seu *team* continua a jogar — com menos um jogador... Na guerra, porém, como no futebol, cada *team* tem os seus reservas, que sobem logo ao primeiro *team*...



Um pontapé de Bastin era quasi sempre um «tiro» sem defesa



O meu amor floriu na Madeira...

Novela de C. S. Pereira

NAQUELE Dezembro tépido, comparara o meu destino ao desses goivos em flor quebrados seccamente por um turista, ignorante, de que as plantas têm, também, alma. Lá em baixo, na ampla baía recortada pelo azul infinito, aglomeravam-se, quasi em número de dez, os imensos e bojudos transatlânticos de variados pavilhões e falas cosmopolitas. No Funchal, os ingleses bulichosos, contentes daquele afago do sol primaveril, olvidavam as suas ilhas de bruma onde as nuvens pansudas e lentas despejam a negra tinta da realidade. E eu, que entre eles vivera toda a adolescência, até que Londres e Liverpool me deram e confirmaram o titulo de engenheiro, quasi odiava aqueles insulares para quem o berço de nativos primores que é a Madeira, oferecia, somente, o prazer duma passageira visita de fim de ano...

Aos milhares, haviam desembarcado. Predominavam os ingleses — dos quais julgara sentir-me irmão. O que me afastava agora? Como sempre... uma mulher. Era inexcedivelmente bela.

A's minhas declarações ardentes, respondera com um sorriso polar. Não estava bem. Não era correcto. Falaram-me os parentes. Expuseram os motivos. Era muito nova. Dezoito anos incompletos contava aquele cabo de jaspe, circundado de túpida rede

de veias. O pai, um coronel do exército da India, estava distante, devia ainda demorar. A mãe, nada resolveria sem elle. E estava eu certo de que a amava? De resto, ainda que conhecedores dos meus titulos de familia, dos meus bens de raiz e das minhas excepcionais condições para os trabalhos de engenheiro e arte portuários, poderia contar com o consentimento de meus pais?

Tal chuva de penetrantes observações, apresentadas serenamente pelo notário da familia de Arabela Smith, foram consideradas por mim como um insulto ou dúpida à pureza das minhas intenções. Com a veemência de um descedente directo de Zarco da Camara, e com a cabeça louca dos vinte e poucos anos, insultei o notário, desconhecendo, por momentos, da alta categoria que tais magistrados têm na Inglaterra. Ele saiu, dizendo-me: — Não está bem, senhor, o seu procedimento. É uma criança. Merece perdão!

Fiquei-me a roer o polido conselho. Humilhado, Santo Deus! Jamais compreenderia esses silenciosos gigantes louros, ao parecer despidos de sentimentalidade. Abalara, portanto, desiludido mas... apaixonado sempre!

Escrevera-lhe no meu inglês quasi correcto e repetira as missivas. Ela respondera, na sua letra elegantemente contornada, mas em estilo respeitável, sóbrio, quasi no-

torial. Juraria que o notário ali estava, com os seus óculos de aros de ouro, sorridente e céptico, enquanto o pai não voltava dessa interminável campanha de Afganistão... Sim. Ele era, com certeza, o detractor da minha pureza de alma. Aumentara a enchente no Funchal. Havia já, pelo menos, três mil, cinco, talvez dez mil homens e mulheres, todos louros ou ruivos, raramente de cabelo castanho ou negro. Descera, entretanto, os altos morros e, depois de comprar cigarros no «Golden-Gate», fugi daquela gente toda cujos hábitos se haviam enrustado, por simples mimetismo, na minha carne rijamente portuguesa e, lá bem no fundo, tão madeirense e lusiada como no dia em que o avô, Zarco da Câmara, fundou a capitania-mor da Madeira.

Em casa, no «chalet» novo de Miramar, o formoso bairro jardim que enfrenta a baía do Funchal, meus pais esperavam-me para o almoço. Havia construído aquele lindo ninho para mim, certos de que voltaria casado de Inglaterra. Mentira por antecipação; depois, envergonhara-me com dizer a verdade pura e simples. Finalmente um dia, lacrimoso como um «bébê», confessei tudo a minha mãe. Ela, sempre gentil e fidalga nos costumes como na tradição da nossa casa, contou tudo a meu pai. Este, «o velho general Câmara», reformara-se depois da

SOFRE DO ESTOMAGO HÁ MUITOS ANOS?

Tem gasto, sem resultado, uma fortuna em remédios?

Não desanime. Há hoje um produto capaz de acabar com os seus males. É um remédio fácil de tomar, cómodo de transportar e económico. São as Pastilhas Digestivas Rennie. Quando tudo o mais tiver falhado, é altura de experimentar as Pastilhas Rennie. Logo depois das refeições, meta duas pastilhas na bôca e chupe-as como se fossem simples pastilhas de hortelã pimenta. Os seus resultados são assombrosos.

As pastilhas digestivas Rennie contêm determinados produtos que neutralizam a acidez; outros que absorvem os gases, e ainda outros que facilitam as digestões. São de gosto agradável e não precisam de água para se tomarem. A saliva encarrega-se de levar os seus ingredientes ao estomago, sem diluições nem perdas das suas propriedades. Geralmente bastam duas Pastilhas Rennie para acabarem com as dores de estomago em 5 minutos.

Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

AS INDIGESTÕES CAUSAM INSÓNIAS

Só, quem tem a infelicidade de sofrer de indigestões, pode compreender o horror que são as insónias que elas provocam.

Às voltas na cama, horas seguidas, sentindo a garganta queimada pela azia, as palpitações desordenadas do coração, etc.

Há, porém, um excelente remédio para facilitar as digestões e acabar com todos estes tormentos. São as Pastilhas Digestivas Rennie. Chupam-se duas Pastilhas Rennie depois das refeições e o trabalho digestivo faz-se sem causar o mais leve incómodo.

As Pastilhas Rennie contêm anti-ácidos que fazem desaparecer a azia; absorventes que suprimem a flatulência; e fermentos que facilitam a digestão. Para tomar as pastilhas Rennie não é necessária água: metem-se na boca e chupam-se como os caramelos.

A saliva, á medida que é engulida, vai servindo de veículo aos seus componentes, conservando-lhes toda a sua força e propriedades que não são diluídas pela água. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estomago em 5 minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

batalha da La-Lys, em 9 de Abril, quando, coronel de uns punhados de regimentos dispersos, soldado aquela gente ante a arremetida do inimigo com o exemplo de absoluta disciplina. Ali ganhara o generalato, a Torre e Espada e a mais alta condecoração militar inglesa, pois impedira a ruptura da frente ao soldar-se com o corpo de exército do Canadá. Ganhara ainda... um reumatismo atroz do qual nunca se queixava.

Homem de poucas palavras, precocemente embranquecido, era a mais nobre das almas.

Pois... nesse dia, pela primeira vez, num gesto insólito de carinho, agarrou-me ao colo e «o general Câmara», atlético, chorou comigo. No final, disse-me:

— Não me envergonho destes prantos de mulher. É preciso Henrique desabafar o coração. De resto, outra cura não tens. Mas, diz-me...

Suspendeu-se, num sobresalto, temeroso de ofender-me. Eu compreendi a pergunta que desejava fazer-me e respondi:

— Oh! Meu pai! Não! Não é creanceiro! É amor verdadeiro!

— Se assim é — concluiu, enquanto alinhavava o bigode curto, com que rejuvenescera a sua cara de militar antigo, de fartas guias, barbaças e outros adórnos militares em desuso depois da guerra — tudo tem remédio. Deixa-me tratar o caso, particularmente.

Além de tua irmã, eis o meu filho único. Ela já tem noivo, um rapaz tenente, muito cheio de carácter e de inteligência, embora pobre. Isso não faz ao caso. Não é assim, Henrique?...

— Claro, meu pai! — aplaudi, certo da sua infalibilidade.

— A «miss» Arabela escreves todos os disparates amorosos próprios da idade. Se ela te não responder, suspende as tuas cartas. Cuidado, porém, com alguma palavrinha a mais ou... a menos. Sabes que os ingleses não perdoam, nunca, as faltas de educação. Chamam-se e... desprezam-nas. É um bom princípio. Não são como nós!

Decorreram os meses. Eu chorava sempre o meu amor perdido. Oh! Sim, perdidíssimo, ia jurá-lo! Meu pai, sóbrio de palavras, não voltara a falar no caso. Estranhavam-me tal atitude. Ainda naquela manhã me mandara «tomar ar», expressão que lhe era muito familiar quando tinha contas a fazer com os rendeiros. Continuava, tranqüillamente, a vida habitual. Minha mãe olhava-o de soslaio, incapaz de interrogá-lo antes d'ele falar. Minha irmã, o mesmo. Todos vivíamos, habitualmente, no «Chalet Velho», o qual, com toda a sua velhice, era uma das mais simples e requintadamente aristocráticas moradias do Funchal.

Concluído o almoço, o «velho general Câmara» sorriu e disse-nos:

— Querem saber? Talvez te-

nhamos uma boa surpresa nesta festa de fim de ano...

— Qual? — acrescentou minha mãe.

— Julgo que se referirá a este cavalheiro... — e assentou-me uma vigorosa palmada nos joelhos.

Saltei como uma elasticidade que até então desconhera. E, ansioso, pedi novas com plementares do milagre:

— E, de concreto?

— Há o facto de «miss» Arabela Smith ter saído de Londres, a caminho de Cap-Town, onde se encontrará, certamente, com seu pai. Este, não é já o coronel Smith...

— Sucedeu-lhe alguma coisa?

— perguntamos, estupefactos.

— Sim. É agora «sir» H. W. Smith, tenente-general do Exército da Índia, cuja campanha terminou com a ocupação de Kabull... — rematou com uma gargalhada jovial «o velho general Câmara».

— Quem lhe diz isso, meu pai? — insisti, trêmulo de felicidade.

— Calma... Calma... Muita calma!... — advertiu, de novo meu pai. — Quem me informa de todos estes acontecimentos é o notário da família Smith. Certo da sua serenidade, entrei em correspondência com ele, conforme está na gaveta da tua secretária. Eu recordava-me de que, em La-Lys, ao encostar-me aos canadenses, conhecera um oficial Smith, o qual era, então, apenas tenente-coronel. E com o costume d'elles em pôr, sómente, as iniciais do apelido duvidava...

Agora, porém, pouco lugar há para dúvidas. Devem regressar num «castle» do Cabo e aqui ficar para os esponsais. Aguardemos, no entanto, o respectivo rádio...

E a modos de divina invocação, soou a campainha eléctrica do «chalet». Levantámo-nos. Meu pai empalideceu e exclamou-me:

— Nada de perder a linha, Henrique!

Ele mesmo abriu a porta e recebeu do empregado da Rádio o precioso papelinho azul. Gratificou o rapaz e leu, pausadamente no seu inglês de trincheira:

— «A bordo do s/m «Castle Duvengan»: o respeitável tenente-general Henry Walter Smith, sua esposa e filha Arabela agradecem e aceitam a convite feito, por radiograma de ontem, pelo velho camarada da Flandres general Câmara, honrable Gran-Cruz da Torre e Espada e Military Cross Excepcional Service».

Inútil será dizer que, ao entrar o Ano Bom, já eu estava desposado com a encantadora Arabela, e que, no dia imediato, nos pertencia todo o «chalet» Novo de Miramar. Finalmente, direi que «o velho general Câmara» rejuvenesceu, na companhia do seu companheiro da Flandres, solícitos até ao cimo dos cuidados a dispensar aos nossos dois «bébês» cujas róseas faces mal chegam para os beijos dos avós.

ÓLEOS LUBRIFICANTES

SHELL

PARA INDÚSTRIA E AUTOMÓVEIS

Faça em sua casa um concurso de



Pó de Arroz

Qualquer que seja o tom do pó de arroz que V. Ex.^a usa, pode ser que não seja aquele que lhe convenha. Certas loiras podem parecer muito mais bonitas empregando pó de arroz para morenas e certas morenas serão mais encantadoras empregando pó de arroz para loiras. O único meio infalível de o saber é experimentar um tom em metade da sua cara e um tom diferente na outra metade. Permita-nos que lhe enviemos gratuitamente quatro pacotinhos de cores diferentes; experimente-os sôzinha ou na companhia de algumas amigas e observe o contraste produzido.

O Pó Tokalon, pó de arroz com «mousse», existe em novos coloridos originais, convindo a todas as cutis. Os jornais relataram que duas jovens nadadoras americanas que participaram nos Jogos Olímpicos e que empregaram uma «maquilhação» impermeável, tinham um aspecto impecável mesmo depois das provas de natação. Envie-nos Esc. 4\$00 para despesas do correio, embalagem, etc. e remeter-lhes-emos gratuitamente Pó Tokalon 4 «sachets» de cores diferentes e dois tubos de Creme Tokalon, noite e dia, modelo especial. Direcção: Agência Tokalon, Rua da Assunção, 88 — Lisboa. O Pó Tokalon encontra-se à venda nos bons estabelecimentos a Esc. 4\$50, 8\$00 e 12\$00, cada caixa.

CINEMA

UMA NOVA ARMA BRITÂNICA:

O filme do futuro...

A guerra, contra a expectativa de muitos, precipitou o ressurgimento do cinema inglês. A necessidade de se bastar a si próprio e de satisfazer as exigências do mercado confinado às dimensões da sua metrópole, alimentada pela ânsia de progresso testemunhada em *Pigmalion*, *Escarlet Pimpernel*, *Jamaica Inn*, *O Ladrão de Bagdad* e outras películas célebres, despertou a consciência dos produtores, artistas, realizadores e empresários. Agora, o panorama é outro — absolutamente diferente daqueles tempos em que a imprevisão, o aturdimento e a algazarra do verbalismo geravam filmes adocicados, vazios de idéias e de conteúdo técnico, dignificando e elevando prazeres nocivos ao espírito. A guerra derrubou todos os males que, outrora, contribuíram para a atrofia da cinematografia britânica. Criou uma nova mentalidade que, em pouco tempo, não só divorciou o presente do passado como, ainda, sob o impulso dum novo espírito de renovação, acertou, dentro dos estúdios, o «mecanismo» que fazia accionar todas as suas células de trabalho.

A hora actual é de combate. Para o cinema inglês — é a hora da reconstrução. O que agora se destrói, para gozido da juventude cinéfila inglesa, é a errada noção plástica, que durante muito tempo curtiu a produção britânica, e o falso conceito de «massa», que não é a que ri, que nada faz, nem a que partilha ruidosamente o banquete da vida, mas a que chora, a que trabalha e combate nas trincheiras, a que condena o luxo e o «pó de ouro», e prefere, em vez destes prazeres nocivos, que são o pão de espírito de legiões de zailos, os filmes nascidos, durante a guerra, duma nova concepção: — o expressionismo, sem ingerência literária. E' nesta nova fonte de técnica artística — origem dum novo cinema inglês — que os produtores baseiam os seus actuais planos de trabalho. E em boa hora os encetaram, a avaliar pelos resultados já obtidos. Agora, empurrada por uma juventude animada de belos idealismos; forjada sobre a dor de

uma geração que, perante o pasmo do mundo, suporta a mais dura e cruel experiência; e estimulada por uma necessidade que lhe foi imposta pela própria vida — a cinematografia britânica tem assegurado o melhor lugar ao sol... A luta pela sua preponderância no mundo das sombras animadas — virá mais tarde... Quando terminar a batalha, em que se decide os destinos da terra, o cetro do cinema mudará de mão... Não esqueçamos que o artista inglês é o tipo mais nacionalista que se pode conceber e que em Inglaterra, quando se toca a cerrar fileiras para que uma causa triunfe, todos os sacrifícios se perpretam. E' suficientemente conhecida a apreciação do conde Kaiserling, que faz de cada inglês o cidadão mais perfeito do mundo.

Pois bem. Ocorre perguntar: Agora que Elstree, Pinewood e Beasconfield, centros vitais da indústria, vivem, sem quaisquer apreensões, o mais brilhante e intenso período da sua actividade produtiva, quem terá mais a recear a futura expansão do filme inglês: Hollywood? Joinville ou Nice? Roma? Neubabelsberg? Principalmente: Que fará Hollywood? Conseguirá, como até aqui, que a hegemonia cinematográfica pertença aos seus magnates? O predomínio dos artistas ingleses no cinema americano revela, naturalmente, tão excepcionais possibilidades, que é de recear, quando as circunstâncias o imponham, que Hollywood se veja privado do seu concurso, até aqui tão precioso como inestimável, visto que, só no primeiro plano das maiores notabilidades, enfileiram quarenta e dois nomes dos mais ilustres. Seria a primeira brecha...

Mas voltamos a insistir na pergunta. Qual é mais forte: a força do dólar e o esplendor de Hollywood, cujo fulgor produtivo e técnico, é certo, não tem rival, ou o amor ao solo britânico, que, hoje, é considerado o segundo mercado mundial do cinema e que, logicamente, se prepara para ocupar a posição que, de direito, lhe pertence?



Jean Arthur, a admirável heroína do filme «Peço a palavra»

A resposta está nestas palavras de Clive Brook, o protagonista do filme *O Leão dos Mares*, recentemente estreado:

«Se os produtores ingleses continuarem, assim, a trabalhar — o artista encontrará mais depressa trabalho em Inglaterra do que em Hollywood».

Eis justificada a razão por que os produtores, artistas, realizadores e empresários vivem, no presente, sob o extraordinário interesse, verdadeiramente vital, de converter a cinematografia inglesa numa grande fonte de riqueza nacional. E talvez, também, por reconhecerem a sua terrível omissão ou o seu grave delito de deixar pelas mãos alheias, principalmente na Europa, o cetro do cinema.

E, agora, para terminar, façamos, serenamente, esta pergunta: Quando todos os artistas ingleses, num acto de patriotismo, abandonarem as suas posições noutros países e os capitalistas britânicos abrirem os seus cofres para alimentar a produção de filmes — seria capaz de desaparecer, da mente de milhões de espectadores e de candidatos a artistas de cinema, esta palavra mágica: Hollywood? O tempo é pródigo em acontecimentos inesperados. Não esqueçamos que a Inglaterra é, hoje, um arsenal de guerra. Dentro dele fabrica-se uma nova arma: o filme do futuro...

António Lourenço

PRODUÇÃO

«Peço a Palavra»

Há realizadores que ficam imortais na história do cinema e no espírito do público. Frank Capra é um deles. As suas obras, empolgantes no riso ou audazes na ideia, provocam, sempre, um turbilhão de sensações novas. Tal como em Uma noite aconteceu..., Doido com Juizo e Não o levarás contigo, Frank Capra vai patentear no seu novo filme *Peço a Palavra* que é um artista até à medula e que sabe dominar, em absoluto, o seu «métier», conservando em cada nova realização os dons fundamentais que o individualizam, ao mesmo tempo que se multiplica em manifestações de penetrante inteligência e ductilidade assombrosa, que tornam diversos os seus filmes. O público conhece todas as afirmações do seu talento. Próximamente conhecerá mais uma — *Peço a Palavra!* A sua «garra» de realizador está presente de ponta a ponta, em todo o filme, numa formidável e grandiosa escala de emoções. Quem prestar atenção à subtilidade das figuras, e ao espírito do tema, compreenderá melhor o sentido de sátira que as envolve. E' que através de uma intriga de excepcional interesse, que tem por cenário a hora agitada em que vivemos, Capra escalpeliza certas concepções, vulgarizadas nos nossos dias, que vão dar brado... Por detrás de cada uma das personagens há um mundo de gargalhada! Nos principais papéis actua Jean Arthur, James Stewart e Edward Arnold.

ANEDOTAS DA TELA

A influência do cinema...

— Numa escola. A professora para o aluno:

— A quem se deve a abertura do Canal de Suez?

— A um tal Tyrone Power.

Durante uma filmagem...

Tudo estava a postos dentro do «set», onde se procediam aos últimos preparati-

vos de filmagem duma cena que requeria o maior dos cuidados. Fimdo o ensaio de «marcação», o realizador observou ao protagonista:

— Essa expressão de alegria não serve. E' pouco convincente...

— Como exteriorizá-la, então?

— Imagine que recebe a notícia da morte da sua sogra!



Uma imagem do filme «A melhor vitória», com Humphrey Bogart e Margaret Lindsay

A VOZ DE LONDRES



Novos horários e comprimentos de onda dos noticiários da
B. B. C. de Londres em :

Serviço para PORTUGAL

Horas de Lisboa	Ondas médias	Ondas curtas
12.15	—	19,76 m. (15,18 mcs)
21.00	285,7 m. (1.055 kcs)...	31,55 m. (9,51 mcs)
24.00	—	31,55 m. (9,51 mcs)

Serviço para o BRASIL

22.45	—	25,38 m. (11,82 mcs)
24.00	—	{ 25,38 m. (11,82 mcs) 31,55 m. (9,51 mcs)

Serviço para ESPANHA

12.45	—	19,76 m. (15,18 mcs)
21.30	285,7 m. (1.055 kcs)...	31,55 m. (9,51 mcs)

Serviço para FRANÇA

	Ondas médias	Ondas curtas
11.15..	373,1 m.	.. 49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m. 19,60 m. 13,86 m.
13.15..	373,1 m.	.. 49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.
17.15..	373,1 m.	.. 49,59 m. 41,49 m. 30,96 m. 25,29 m.
19.15..	261,1 m. 285,7 m. 373,1 m.	.. 49,59 m. 41,49 m. 30,96 m. 31,75 m. 31,32 m. 25,38 m. 25,29 m. 19,66 m.
21.15..	261,1 m. 373,1 m.	.. 49,59 m. 41,49 m. 30,96 m. 24,92 m.
23.45..	261,1 m. 285,7 m. 373,1 m.	.. 49,59 m. 49,10 m. 31,32 m. 31,25 m. 25,53 m.

ATENÇÃO :—Brevemente os noticiários em língua portuguesa serão acrescidos de 15 minutos de palestras e programas musicais especialmente dedicados a Portugal.

Esse novo serviço será oportunamente anunciado.

MUNDO GRÁFICO



A
Duquesa de Gloucester
no Centro de
Recrutamento Feminino
dos
Serviços Auxiliares
da R. A. F.